

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Alberto Iszlaji Junior

Lyra e Kolping:
comunicação e identidade de associações culturais germânicas
no bairro de Campo Belo (SP)

**São Caetano do Sul
2014**

Alberto Iszlaji Junior

**Lyra e Kolping:
comunicação e identidade de associações culturais germânicas
no bairro de Campo Belo (SP)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Transformações comunicacionais e Comunidades.

Orientador: Prof^a Dr^a Priscila Ferreira Perazzo

**São Caetano do Sul
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

1831

Iszlaji Junior, Alberto

Lyra e Kolping: comunicação e identidade de associações culturais germânicas no bairro de Campo Belo (SP) / Alberto Iszlaji Junior. -- São Caetano do Sul: USCS / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2014. 91 p.

Orientadora: Profª Dr.ª Priscila Ferreira Perazzo

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Comunicação, 2014.

1. Comunicação. 2. Inovação. 3. Comunidade. 4. Memória. 5. Cultura Alemã. I. Perazzo, Priscila Ferreira. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Comunicação.

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
Campus Centro - R. Santo Antônio, 50 – Centro – São Caetano do Sul (SP)

REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL USCS

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa:

Profª. Dra. Maria do Carmo Romeiro

Gestor do Programa de Pós-graduação em Comunicação

Prof. Dr. Herom Vargas Silva

Dissertação defendida e aprovada em ____/_____/____ pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profª Drª. Priscila Ferreira Perazzo

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Profª Drª. Maria Luiza Tucci Carneiro

Universidade São Paulo

Prof Dr. Roberto Elísio dos Santos

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Universidade Municipal de São Caetano do Sul por proporcionar a realização do meu sonho: alcançar esse título tão importante para minha trajetória profissional. Também gostaria de agradecer aos professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação, pela paciência e dedicação a nós, alunos, pelas belíssimas aulas e orientações. Sabemos que a profissão de professor neste país é muito difícil e o reconhecimento é cada vez menor, mas tenho plena certeza de que é uma das profissões mais importantes de nossa sociedade.

Dentre todos os professores do Programa gostaria de agradecer em especial a minha orientadora Professora Priscila Ferreira Perazzo. As suas orientações foram fundamentais não só para a realização deste trabalho, mas também me ensinaram a ser um aluno melhor, um pesquisador melhor, as nossas conversas extrapolaram a relação com o objeto de pesquisa e me ensinaram a viver, são lições que levarei para toda a vida. As suas sugestões me auxiliaram, inclusive para o trabalho com os meus alunos no exercício da minha profissão.

Agradeço também aos professores Maria Luiza Tucci Carneiro e Roberto Elísio, banca avaliadora, pelos apontamentos feitos na qualificação que definiram os rumos dessa pesquisa e que a tornaram possível. Graças a eles esse trabalho se mostrou significativo.

Gostaria de agradecer aos entrevistados: Horst Graetz, Carlos Busch, Günther Hufnagel, Helmuth Stapf e Elfriede Schmidt. Primeiramente por ceder a mim uma parte tão importante de suas vidas, as lembranças de momentos marcantes dos caminhos trilhados por eles. Pelos anseios e realizações que dividiram comigo o meu sincero obrigado. Gostaria de agradecer, em especial, ao Carlos Busch, cuja vida foi um exemplo para mim, o pouco contato que tive com ele me fez ver o mundo de outra forma e sua postura diante do mesmo me inspirou.

Não posso deixar de lado as pessoas que muito me ajudaram a escrever essa dissertação, principalmente, aos técnicos do Laboratório de Hiper mídias da USCS pelo auxílio em fazer as entrevistas comigo, pelas dicas e por ensinar a manusear os equipamentos necessários para a produção dessas entrevistas. Também gostaria de agradecer aos meus colegas de sala, que por meio de suas experiências com os seus trabalhos puderam me inspirar a fazer o meu.

Também não posso deixar de agradecer a minha família, primeiramente às minhas irmãs Claudia e Cynthia, por toda a ajuda prestada a mim nas horas de necessidade, pela

compreensão de não poder estar em todos os eventos familiares. Também agradeço infinitamente aos meus pais Alberto e Maria, primeiro pelo dom da vida, segundo pelo esforço para que eu passasse pelas tantas dificuldades da minha infância, para que agora pudesse brindar essa grande vitória com vocês.

Agradeço também aos meus amigos, que entenderam o meu esforço para encerrar essa trajetória, agradeço também pela paciência e compreensão da minha ausência, a amizade de vocês é muito importante para mim.

Por último quero agradecer a mulher da minha vida, Maria Carolina Rodella Manzano, pela força e apoio nos momentos mais difíceis, por dividir comigo as minhas dúvidas e incertezas próprias do desenvolvimento da pesquisa, por compreender o meu gênio difícil, por ter paciência, por me defender com unhas e dentes, pelas brigas e principalmente pelo amor incondicional dedicado a mim. Sem os seus conselhos, sem as suas palavras eu teria tomado outros caminhos que não me trariam até o fim desta etapa, essa conquista só foi possível graças a você e não é somente minha, mas sua também.

Aos meus pais pelo dom da vida, pela paciência e dedicação.

RESUMO

Este trabalho tem como tema analisar a comunicação da cultura alemã e sua dinâmica na comunidade germânica em São Paulo. Para estudá-la escolhemos duas associações paulistas – Sociedade Filarmônica Lyra e Associação Católica Kolping. Buscamos compreender os processos de comunicação e mediação dessa cultura e, para isso, partimos da seguinte pergunta: como se dá o processo comunicativo da cultura germânica mediado pelas atividades promovidas pelas associações culturais organizadas por comunidades da região metropolitana paulista? Como objetivos: entender como as práticas culturais dessas associações mantêm a cultura alemã procurando identificar os meios e as mediações de comunicação da cultura acionados pelas associações culturais alemãs na região metropolitana paulista a partir da memória dessa comunidade. Para atingir esses objetivos, recorremos às memórias dessa comunidade através de Narrativas Orais de História de Vida. Pessoas relacionadas a essas associações foram entrevistadas e narraram suas histórias, as das associações e de outras pessoas com quem conviveram. De caráter interdisciplinar, a pesquisa envolve conceitos como memória, comunidade, pertencimento e identidade. Compreende as transformações comunicacionais da cultura alemã no interior da comunidade germânica, a partir da convivência nas associações, para manter o sentimento de pertencimento, a noção de identidade, as possibilidades de sociabilidade e estar juntos ao longo das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea. Os aspectos mais relevantes identificados como responsáveis pela manutenção da cultura alemã, mas em transformações, foram: a exigência da língua alemã, a expressão artística (música e dança), o acesso aos meios de comunicação como jornais, boletins e *internet*, as relações profissionais e a culinária. Esse movimento cultural oscila entre as práticas tradicionais de comunicação e as tentativas de inovar para garantir a própria permanência. Assim, a língua alemã, as práticas cotidianas, a relação com os meios de comunicação formam o conjunto de práticas comunicativas mediadas pela cultura e responsáveis pela construção da identidade e sentimentos de pertencimento à comunidade, em constante transformação.

Palavras Chave: Comunicação, Inovação, Comunidade, Memória, Cultura alemã.

ABSTRACT

This research has the communication in german community and its dynamic aspects in São Paulo as theme. To study it we chose two associations, Sociedade Filarmônica Lyra and Associação Católica Kolping. We aimed at understanding the communication and mediation processes within this culture, and for that reason we started from the following question: how does the communication process occur inside german culture mediated by the activities promoted by cultural associations organized by the communities of the São Paulo metropolitan region? As for the goals: to understand how the cultural practices in these associations keep german culture trying to indentify the means and culture communication mediations triggered by the german cultural associations in the São Paulo metropolitan region starting from the memory of this community. To accomplish these goals, we recurred to the memories of the community through Oral History Interview. People related to these associations were interviewed and narrated the stories of the association, of the other people with whom they've lived and their own. In an interdisciplinary way, the research involves concepts such as memory, community, belonging and identity. It comprehends the communicational transformations of german culture inside the german cummunity, starting from the living inside the associations, in order to keep the feeling of belonging, the notion of identity, the possibilities of sociability and being together throughout the changes occurred in contemporary society. The most relevant aspects identified as responsible for the conservation of the german culture, but still in change, were: the demand for the german language, the artistic expression (music and dance), acesses to the means of communication such as newspapers, reports and internet, the professional relations and culinary. The social movement oscillates between the traditional practices in communication and the attempts to innovate and assure their own existence. Therefore, the german language, as daily practices, the relation with the means of communication compose the scenery of communicative practices mediated by the culture and responsible for the contruction of the identity and feelings of belonging to the community, in constant transformation.

Keywords: Communication; Innovation; Community; Memory; German Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA	24
1.1 Narrativas Oraís de Histórias de Vida	24
1.2 As associações culturais.....	27
1.3 Os Narradores	34
1.4 A comunidade imaginada	38
2. EU FALO ALEMÃO, LOGO EXISTO!.....	43
2.1 A língua alemã: “minha casa, minha pátria”	43
2.2 A ameaça: repressão à cultura germânica nas décadas 1930-1940.....	47
2.3 Trabalho e emprego para quem fala alemão	52
3. MEIOS E MEDIAÇÕES DE COMUNICAÇÃO	55
3.1 Jornais Impressos e mediação da cultura	55
3.2 O desafio da inovação: como existir no mundo das novas tecnologias	60
4. VIVÊNCIAS CULTURAIS E RELATOS DE PRÁTICAS	63
4.1 Vivências Escolares	63
4.2 Relatos de Práticas	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
FONTES DOCUMENTAIS	79
FONTES ORAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

A comunidade alemã no Brasil sempre foi uma das maiores do país, despertando assim o interesse de muitas pessoas por aspectos tão específicos de sua cultura, como literatura, música, danças e sobretudo, a língua. Dessa forma, essa dissertação se debruça sobre a questão da comunicação cultural alemã em São Paulo, a partir do estudo de duas associações alemãs, encontradas no bairro do Campo Belo, na capital paulista, sendo a Sociedade Filarmônica Lyra e a Associação Católica Kolping, formadoras de uma comunidade específica.

Os imigrantes alemães, ao chegarem ao Brasil, por se tratar de um país muito diferente do deles, logo procuraram lugares onde pudessem se comunicar com outros que falassem a mesma língua que a sua. Assim, essas associações foram formadas para acolher esses imigrantes.

A Sociedade Filarmônica Lyra surgiu em 1884 em São Paulo e sempre esteve ligada à música. Formou-se para unir jovens que cantavam e criaram o coral que é a marca identitária da associação. Ainda hoje, ela mantém forte esse perfil musical, garantido pelo coral, um grupo de yoga e a Orquestra Bandolins de São Paulo.

A Associação Católica Kolping, por sua vez, foi fundada em 1923 como um lugar para a comunidade de língua alemã do bairro do Campo Belo ter o seu espaço de lazer. Essa também é uma característica marcante da associação, que ainda permanece. Hoje, o Kolping oferece uma academia, piscina, dois salões para festas, um restaurante de comidas típicas alemãs e um grupo de jogadores de xadrez.

Além disso, as duas associações mantêm grupos de danças folclóricas e a prática do jogo de cartas alemão, chamado de Skat.¹

Nesse sentido, essa pesquisa tem como tema essas duas associações que representam um pequeno universo dessa comunidade de cultura germânica formada por imigrantes e seus descendentes ao longo do século XX, em São Paulo. Também temos como tema os processos de comunicação dessa cultura a partir das expressões da memória da comunidade. As narrativas orais das lembranças de indivíduos, bem como a sua documentação pessoal e o

¹ O Skat é um jogo de baralho típico alemão. É necessário ao jogador ter raciocínio rápido e habilidade na combinação de números múltiplos. A mesa é formada de quatro jogadores, no entanto somente três jogam cada partida, o jogador que distribui as cartas não participa, cada jogador recebe dez cartas e duas ficam no skat.

acervo documental de instituições, organizações e associações, podem ser avaliadas como meios de transmissão, difusão e comunicação da cultura germânica.

Historicamente, o bairro de Campo Belo contou com a presença da comunidade alemã desde o início do século XX (as primeiras famílias chegaram na década de 1920) e, ainda hoje, observa-se no seu processo de urbanização a presença de alemães. Muito além das duas associações pesquisadas nessa dissertação, a comunidade germânica criou escolas, igrejas luteranas e católicas e comércios de todo o tipo, como, por exemplo, a confeitaria de Johan Kornfellner, austríaco, que comercializa produtos reconhecidos pela qualidade e pela estética, sendo até mesmo considerados “obras de arte” da culinária (WEBER; WEBER, 2006).

As transformações nos processos de comunicação da cultura envolvem meios, instrumentos, técnicas de comunicação, sejam estes de massa, como jornais impressos e rádios, sejam dirigidos como *folders*, convites, relatórios de instituições, etc., ou ainda, interpessoais como cartas, diários e relatos. As narrativas orais de sujeitos da história também nos remetem às atividades, experiências, anseios, desejos e imaginários dessa comunidade, possibilitando a avaliação sobre os processos de comunicação de cultura, tanto no sentido de preservação e difusão, como sobrevivência da comunidade e da sua identidade cultural e social.

Cultura, aqui, é entendida como um conjunto de “significados, atitudes e valores compartilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados, a cultura, nessa acepção, faz parte de todo um modo de vida”, variam no tempo e nos grupos (BURKE, 1989, p. 15). Assim, assume-se a visão plural de cultura, não se excluindo qualquer manifestação, erudita ou popular, segundo diferentes percepções. O que se pretende é entender qualquer uma delas, quando manifestas no discurso das pessoas, das instituições ou dos meios de comunicação, pois questões de culturas e de comunidades se justificam pelo atual

contexto da modernidade capitalista marcada pela fragmentação da experiência de vida, pelas mutações do sujeito e da identidade, pela oscilação dos valores de referência coletiva, enfim, pelas implicações advindas do que se denomina globalização (SOUZA, 2006, p. 1).

A comunicação desses valores – expressos nas narrativas orais de histórias de vida de indivíduos dessa comunidade e, ainda, pelos meios de comunicação de massa, em instrumentos interpessoais de comunicação ou na atuação de organizações, instituições e associações culturais – é objeto desse estudo, à medida que, por esses meios, é possível identificar a persistência e a renovação das expressões culturais dessa comunidade.

Outro eixo de sustentação dessa pesquisa diz respeito à memória como objeto de estudo e metodologia de análise. Uma baliza para os relatos orais é a consciência de que a memória se faz também por esquecimento, por apagamento, pois é possível recordar-se em detalhes de muitas coisas e vagamente de outras, estando as lembranças relacionadas à seleção e à filtragem (RICOEUR, 2006, p. 126).

Busca-se no cotidiano dos narradores, contados a partir de suas lembranças, elementos da linguagem que possam traduzir suas identidades (HALL, 2005), as formas pelas quais se referiram a si próprios e ao outro, seus saberes e fazeres. Até os anos 1960/70, as teses em voga sobre a identidade do imigrante dimensionavam a integração e a assimilação cultural para caracterizar o progresso da integração nacional. Posteriormente, após o “boom” da História Oral, que no Brasil se deu no final da década de 1970, com pesquisas bem sucedidas com a do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil), ligada à Fundação Getúlio Vargas, pesquisadores brasileiros passaram a adotar o conceito de pluralismo cultural, sem polarizar o nacional/estrangeiro (FREITAS, 2001).

Ecléa Bosi (1987), ao abordar a cultura do imigrante, destaca seu desenraizamento, pela supressão das suas tradições. Os imigrantes que vieram para o Brasil, desenraizados de sua cultura, certamente buscaram sua identidade na intersecção negociada com a cultura local, por razões mesmo de sobrevivência.

Tendo em vista as problemáticas que envolvem o tema, parte-se da hipótese de que a comunidade germânica paulista promoveu diversas formas e meios de comunicação da sua cultura de origem, no sentido de preservar e garantir a sobrevivência cultural da própria comunidade. Nesse sentido, entende-se aqui como processo de comunicação uma dinâmica ampla, acionada de várias formas e por diversos instrumentos para se colocar, em comum, os sentidos da vida e da sociedade (BARBERO, 2003). Assim, é preciso priorizar o “trabalho de ativação, nas pessoas e nos grupo, de sua capacidade de narrar/construir sua identidade”, algo em permanente construção (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 69).

Tanto as pessoas como as instituições culturais germânicas, como escolas, clubes e associações, atuaram como meios de comunicação da cultura germânica. Se a comunicação da cultura depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, como expressa Martín-Barbero (2003, p. 68-69), essas instituições cumpriam e ainda cumprem essa função, comunicando a cultura entre a comunidade teuta e seus descendentes.

É possível encontrar diversas associações culturais de comunidades alemãs no Estado de São Paulo. Por meio dessas instituições, diversos veículos de comunicação foram

recebidos ou criados com o fim de difundir, divulgar e preservar a cultura alemã. Assim, em conformidade com Martín-Barbero (2003), entendemos que não é possível haver comunicação sem cultura e cultura sem comunicação, pois trata-se de um processo no qual um depende do outro e juntos são capazes de acionar diversos conceitos diferentes, que são importantes para o estabelecimento dessas relações.

Assim, a pergunta problema dessa pesquisa é: como se dá o processo comunicativo da cultura germânica mediado pelas atividades promovidas pelas associações culturais organizadas por comunidades da região metropolitana?

Em função dessa problemática, um dos objetivos propostos é entender como as práticas culturais dessas associações mantêm a cultura alemã. Também temos por objetivo identificar os meios e as mediações de comunicação da cultura acionados pelas associações culturais alemãs na região metropolitana paulista, a partir da memória dessa comunidade.

O componente comunicador da cultura é constitutivo da estrutura do processo cultural, “pois as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras, e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 68). A possibilidade da manifestação da cultura depende de ela ser comunicada. É um movimento arriscado, gera uma insegurança causada pelo medo da mudança, mas que se torna necessária para a construção da própria cultura (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 64).

As formas de estar junto social, pertencer e ter laços sociais comunitários são expressões cotidianas comunicadas pelos sujeitos que atuam nessa comunidade. Esse processo comunicativo também se mostra como uma prática exercida pelas expressões culturais germânicas, seja nas associações, nas festas ou mesmo em um restaurante alemão. Essas expressões acionam um sentimento de pertencimento do sujeito social, pois, na comunidade, existe uma demanda de “proteção”, a busca por um lugar cálido, confortável e seguro (BAUMAM, 2003). É no cotidiano que se opera o processo de reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários. Assim, a narrativa oral, por meio da lembrança e da memória “é capaz de proporcionar ao comum das pessoas uma experiência moderna de identidade e reconhecimento social” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 64).

Desse modo, pesquisas como essa, de caráter interdisciplinar, que envolvem comunicação e história, memória e linguagens, controle social e comunidades, poderão contribuir para o entendimento de novos e inovadores processos comunicacionais no século XXI, numa perspectiva de transformação da sociedade contemporânea e das transformações possíveis no processo histórico atual. Além disso, essa pesquisa cumpre a função de resgatar a memória de pessoas, grupos e comunidades, para que elas também se reconheçam.

Dessa forma, auxiliem no desenvolvimento de novas redes sociais locais para a preservação da cultura e das identidades uma vez que o trabalho de reconhecimento permite compreender as práticas sociais e as formas de manutenção da cultura, que implicam na própria existência da comunidade.

É importante discutirmos a questão da inovação na comunicação, ao lidarmos com as manifestações culturais da comunidade alemã e trazer os agentes sociais para os holofotes. Assim afastando-se das teorias que reduzem as transformações sociais à introdução, mera e simples, de novas tecnologias (ROSSETTI, 2008, p. 69), para vir a pensar o popular como uma nova forma de abordar a comunicação.

Nos últimos anos, vê-se a redescoberta do popular, com o sentido que essa noção hoje adquire: o de “revalorização das articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além de sua formulação e síntese política” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 284).

O sujeito da ação social é também o narrador de sua história e se torna o centro desse estudo. Ele nos aproxima do objeto de investigação. Sua experiência é necessária, pois como afirma Beatriz Sarlo (2005, p. 29): “La narración de la experiencia está unida al cuerpo y a la voz, a una presencia real del sujeto en la escena del pasado”. Além disso, esse olhar apresenta uma nova forma de abordar a pesquisa acadêmica, pois, nela, vê-se o advento do “eu” ou da subjetividade na ciência. Significa considerar sentidos próprios do sujeito entrevistado, detentor das manifestações culturais e, por meio dele, poder-se compreender um período histórico, uma prática social, um momento cotidiano e o imaginário social de uma geração.

Quando uma pessoa é obrigada a abandonar os seus laços afetivos, seus referenciais de cultura e, ao mesmo tempo, vê-se entrando em um país que não apresenta nenhuma semelhança cultural ao seu, é natural que ela busque algo que a remeta àqueles sentimentos deixados no país de origem. Assim, os alemães que chegaram ao Brasil como imigrantes buscaram, desde o século XIX, encontrar aqui outras pessoas que experimentaram a mesma sensação de abandono dos seus entes queridos, de sua terra natal, para tentar uma nova vida em terras estrangeiras. A partir disso, foram criadas as associações culturais alemãs em São Paulo. Elas representam uma das formas encontradas por essa comunidade de reunir as pessoas que vieram da Alemanha ou de outras regiões que falam a língua alemã, com a finalidade de manter vivo o idioma e os costumes do seu país de origem.

Deparamo-nos com o conceito de comunidade, fundamental para o entendimento dessa pesquisa, pois é um dos elementos que permite a formação dessas associações. Outro conceito chave é o de identidade e pertencimento, que abordaremos em breve.

Zigmund Bauman, em seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2003), afirma que essa palavra carrega, assim como outras, sensações de que a comunidade está ligada a algo bom, pois trás consigo significados de prazeres que gostaríamos de experimentar, mas que não alcançamos mais. Afirma também que é na comunidade que nos sentimos seguros, como no “útero da mãe”, pois não deve haver conflitos graves que possam comprometer essa segurança. “Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar?” (BAUMAN, 2003, p.8).

Essa comunidade de alemães e descendentes se reúnem em torno da cultura de origem dos seus pais, procuram manter as atividades das suas associações culturais. A busca pelo ideal de comunidade faz com que esses indivíduos criem (ou tentem criar) estratégias para trazer o público para as suas associações.

As duas associações estudadas não possuem renovação em seus quadros diretivos e a frequência de jovens é muito pouca. As gerações mais novas não estão ligadas à cultura de seus pais, como seus pais estiveram inseridos na cultura de seus ancestrais. Os entrevistados se queixam disso e não conseguem vislumbrar uma situação posterior às suas administrações. Também, por muitos anos, houve uma certa resistência à renovação nos cargos diretivos das associações, uni-se a isso o anseio desses descendentes que preferem imigrar para a Alemanha a viver no Brasil, já que não se sentiam pertencentes à cultura brasileira e sim à cultura alemã. Apesar de contraditória, essa é a realidade observada.

É na comunidade que esperamos encontrar a harmonia, a segurança e a certeza de que existem pessoas que são capazes de falar o mesmo idioma. Ela é uma extensão do lar. “Aqui eu me sinto em casa”, conta Horst Graetz (SP, 11/04/2013, HiperMemo/USCS), ao se referir à Associação Católica Kolping. Para ele, a comunidade evoca “tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2003, p. 9). A comunidade ajuda a afirmar o indivíduo social. É essa vivência que permite ao indivíduo se sentir pertencente àquele lugar, onde ele é importante e a sua presença contribui para a manutenção dessa segurança, que é de todos, porém todas essas ideias estão no plano do imaginário.

Bauman (2003) chama essa comunidade de “comunidade imaginada”, pois é o objetivo a ser alcançado, aquilo que todos trabalham para atingir, logo nada pode interferir no

caminho escolhido para se chegar ao objetivo. Todo o “desvio de conduta” será tratado como traição, como falta de lealdade, para que assim seja possível atingir à “comunidade imaginada”. Não há reflexão crítica da comunidade, ela sempre segue um modelo importado ou produzido. Para chegar a ela, será necessário abrir mão de inúmeras coisas, sendo uma delas a liberdade individual, buscando atingir a segurança desejada, uma vez que a segurança sacrificada em nome da liberdade é a segurança dos outros e vice-versa. Segundo Bauman (2003), não existe liberdade completa com segurança completa. Para conseguir liberdade, há que se abrir mão da segurança e, para ter segurança, há que se abrir mão da liberdade.

Mesmo com o advento da *internet*, nenhuma comunidade encontrará a “pureza de outrora”, e tão pouco o isolamento de antes, uma vez que as mudanças sociais provocadas pela *internet* afetam a comunidade, por mais que ela não esteja engajada com esse movimento. Por ser afetada, a comunidade responde a isso da forma como ela pode. Não se deve esquecer de que se trata de associações que foram fundadas no final do século XIX e início do XX e que estão profundamente cristalizadas na sociedade pelas suas práticas. As relações com a rede mundial de computadores é uma novidade, sendo o público alvo dessas instituições um dos fatores que dificulta essa adaptação, pois muitos deles não utilizam essa ferramenta.

A comunicação está intrínseca às práticas sociais cotidianas das pessoas na sociedade em que vivemos hoje. A comunicação é o lugar propício para as formações de identidade, para criação de laços de pertencimento e, conseqüentemente, para a constituição de comunidades, uma vez que reúne “um público que participa de um processo comum de compartilhamento de valores, práticas e bens simbólicos” (RIBEIRO, 2004, p. 75).

Martín-Barbero (2003, p. 68) compreende que uma cultura existe quando ela se comunica uma com as outras, e isso gera um arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos. Assim, não é possível haver comunicação sem cultura e cultura sem comunicação, pois trata-se de um processo no qual um depende do outro e, juntos, são capazes de acionar diversos conceitos diferentes, que são importantes para o estabelecimento dessas relações.

A comunicação é percebida, em todo caso, como cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63).

Maria Luiza Mendonça (2006, p. 31) afirma que existem duas abordagens de cultura: uma entende cultura como produto, e outra a entende produtora. Sendo assim, “cultura remete a um cultivo de certos valores étnicos e morais pertinentes a determinadas populações (...);

civilização associa-se aos processos de desenvolvimento técnico, industrial e à prevalência de procedimentos racionais”. Nessa pesquisa, cultura será compreendida como produtora, pois as manifestações culturais alemãs versam por conectar o fazer cultural da comunidade alemã com o processo de construção dos sentidos às práticas e relações sociais.

No processo comunicacional, o emissor e o receptor evocam conceitos como: imaginários, identidade, comunidade, pertencimento e tantos outros que são fundamentais para a compreensão dessa temática de estudo. Ao pesquisar processos comunicacionais, o imaginário social é um conceito importante, visto que, por ele, o indivíduo se reconhece e se identifica, o que gera uma aproximação entre o meio comunicacional e o sujeito. Bronislaw Baczco (1985, p. 296), que estudou o movimento estudantil de Maio de 1968 na França, sob o ponto de vista da constituição dos imaginários sociais, considera que

Em 1968, o termo [imaginação] funcionava como elemento importante de um dispositivo simbólico, através do qual um certo movimento de massas procura dar-se a si próprio identidade e coerência, permitindo reconhecer e designar as suas recusas bem como as suas expectativas.

Mas o imaginário não cumpre somente essa função na comunicação. Pode-se verificar seu uso em vários meios sociais, como nos mitos que são a base da construção dos imaginários e neles pode-se compreender uma sociedade, suas relações de poder, de privilégios e prestígios e de propriedade.

Por detrás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, no seu estado de nudez, despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações, etc. Ora a abordagem cientista não observava realmente esses agentes sociais ‘desnudos’; era ela que os construía (BACZCO, 1985, p. 297).

Ou seja, os entrevistados estão nesse “estado de nudez”, já que conseguimos identificar vários elementos constitutivos do imaginário deles acerca do que é ser um alemão. Observamos que a cultura alemã é algo muito forte para os entrevistados, principalmente em momentos traumáticos ou em situações de mudança brusca na dinâmica familiar. Por exemplo, a morte de um ente querido faz com que a pessoa se volte para aquilo que entende como ser alemão.

Ainda, segundo o autor, a cada mudança na estrutura de poder, ou seja, quando há uma guinada na correlação de forças, o novo grupo social que assume o poder deve controlar os meios que formam e guiam a imaginação coletiva, “a fim de impregnar as mentalidades como novos valores e fortalecer a sua legitimidade, o poder tem designadamente a tarefa de institucionalizar um simbolismo e um ritual novos” (BACZCO, 1985, p. 302).

Essa produção de imaginários se dá graças à criação de um sistema de símbolos, pois é por meio deles que os indivíduos são dispostos em grupos ou extratos sociais diferentes e as relações estabelecidas entre elas também têm como base esses símbolos:

Os sistemas simbólicos em que assentam e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações (BACZCO, 1985, p. 311).

Seguindo essa perspectiva, o agente social não é passivo; ele participa do processo de comunicação e também cria, modifica, dilui a cultura, pois, mesmo que haja um grupo hegemônico que supostamente determina os rumos da cultura, o sujeito tem autonomia para negar simplesmente essas determinações e criar os seus próprios mecanismos culturais, que gerem nele identidade e pertencimento (MARTÍN-BARBERO, 2003).

É necessário entender o conceito de identidade e pertencimento, pois cumprem importante papel explicativo para o processo de comunicação da cultura. Visto que as comunidades que sobreviveram o fizeram graças à noção de identidade e ao sentimento de pertencimento que geram a difícil persistência de manter a comunidade ativa mesmo que alguns elementos culturais pareçam “se perder”.

Assim, a identidade aciona o sentimento de pertencimento do grupo, porém a língua não é o único elemento que provoca essa noção de pertencimento: a culinária, as músicas e as danças são elementos culturais que contribuem para a formação dos laços de pertencimento à comunidade. Vemos, por exemplo, nas associações estudadas, que elas tiveram, ou ainda têm, grupos de dança, coral musical e grupos de instrumentistas, e esses grupos, apesar do longo tempo de existência, ainda se mantêm, evidentemente não da mesma forma que antes, continuando suas atividades. Por isso:

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tomando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2005, p. 12).

Para Stuart Hall (2005, p. 13), o sujeito pós-moderno tem a sua identidade em processo, ou seja, sempre mutável, como uma “celebração móvel”, assim o indivíduo assume uma identidade em cada lugar que frequenta. Na contemporaneidade, a identidade ocorre pela mudança, pois em uma sociedade em que tudo é volátil, as estruturas que davam segurança ao indivíduo também estão mudando, o que também torna a identidade volátil (HALL, 2005).

Ao lançar um olhar para a questão, pode-se constatar a importância da identidade na formação das comunidades de cultura germânica, pois o aglutinamento foi possível porque

esses imigrantes tinham a necessidade de se identificar. Essa busca pelo reconhecimento encontrou refúgio no outro, ou seja, naquele que falava a sua língua, que conhecia os seus costumes, o seu país, já que naquele espaço os indivíduos se sentiam “em casa”.

Ainda, segundo Hall (2005), compreende-se que o sentimento de pertencimento se realiza no momento em que o sujeito se identifica com o lugar, onde as relações estabelecidas o remetam a uma lembrança emotiva, uma segurança, um acolhimento. Essa segurança é uma das características da comunidade, lugar cálido, sempre associado a algo bom, aconchegante. Comunidade “é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (BAUMAN, 2003, p. 9).

Hall (2005) afirma que identidade e pertencimento se formam a partir de aspectos culturais que permitem ao indivíduo se sentir pertencente ao lugar são os seus aspectos culturais, como, por exemplo, a língua, que, no caso das associações alemãs, é o elemento que agrega pessoas. Por mais que esses imigrantes não tenham nascido na Alemanha, o fato de falarem o alemão permite que eles frequentem esses espaços e se sintam pertencentes a eles. Esse elemento pode ser constatado na pesquisa, já que pudemos observar que muitas associações aceitavam sócios que não necessariamente vinham da Alemanha, embora nas entrevistas revelassem que se falava o alemão abertamente.

O sentimento de pertencimento está ligado ao conceito de comunidade. Segundo Mauro Wilton de Souza (2006), este se manifesta quando o indivíduo faz parte de um grupo social. No caso desta pesquisa, a pessoa de cultura alemã se identifica com uma comunidade por vários motivos: começa a frequentá-la e se sente parte dela. Essa característica aparece nas entrevistas, que, por vezes, dizem que pertencem àquele espaço e que seria extremamente doloroso deixá-lo. Logo, ser membro de uma comunidade é uma ação social que provoca o pertencimento do indivíduo, “é nas práticas sociais que a busca do pertencimento se realiza porque é ali que se realizam ‘as diferentes mediações através das quais os homens se encontram consigo mesmos’” (SOUZA, 2006, p. 12).

As ideias de pertencimento e comunidade se aproximam. Para Souza (2006, p. 14), “o sentimento de pertencimento se amplia e se diversifica em suas significações à medida que também se amplia o de comunidade (...)”, o que demonstra que pertencimento está interligado com os modos de estar junto numa localidade. Pertencimento é “a expressão na esfera simbólica da necessidade do estar junto”.

Segundo Mauro Wilton de Souza (2006, p. 14),

o pertencimento não se verificaria necessariamente só ao assumir a intencionalidade de um objeto comum, publicamente, mas na experiência de ações que se tornam públicas porque são comuns, são experiências de participação.

Os alemães expressam a sua cultura dessa forma: do estar juntos. A demonstração de ser alemão, o orgulho de sua cultura e da sua tradição demonstra que “o estar junto pode expressar o pertencer, pelo próprio fato de estar junto, e, como tal, ele é público, o comum” (SOUZA, 2006, p. 14).

Pelas narrativas dos entrevistados, que acionaram suas lembranças e nos contaram suas experiências, foi possível, então, identificar os meios e as mediações das práticas cotidianas na comunicação da cultura germânica, para essas pessoas poderem “estar juntas”. A vida mediada pelas experiências oferecidas pelas associações em São Paulo demonstram as transformações no processo de comunicação da cultura alemã entre eles, convivendo com a tensão entre a tradição e o novo, para a preservação de suas características como comunidade cultural.

O que se viu nessa pesquisa está expresso em quatro capítulos. No primeiro - Os personagens dessa história - tratamos de apresentar as instituições estudadas e as pessoas entrevistadas, ambas são objeto dessa pesquisa, pois não é possível estudar as instituições sem as pessoas e não é possível entrevistar essas pessoas sem que elas estejam ligadas às associações. Dessa forma, nesse capítulo apresentamos os motivos para as escolhas dos depoentes, pois eles, por meio do relato de suas memórias, nos contam a história dessas associações, permeadas por suas próprias histórias de vida.

No segundo capítulo - Eu falo alemão, logo existo! – tratamos da importância da língua alemã nessa comunidade, como elemento que permite a comunicação cultural em sua forma mais plena e possibilita a construção da identidade das pessoas de cultura alemã. A repressão política nas décadas de 1930 e 1940 também foram relatadas nas entrevistas, o que demonstra o significado da língua no processo de preservação e sobrevivência da comunidade. As associações aparecem como mediadoras desse processo entre o sujeito e sua cultura/língua, pois é nesse espaço e a partir das práticas de convivência que ali se ali realizam e que se dá a comunicação da cultura. Por outro lado, em contraposição à repressão da língua, é a sua expressão no mundo do trabalho que permitiu a esses entrevistados as suas conquistas em âmbito profissional, visto que os entrevistados nos relataram que suas trajetórias profissionais estavam diretamente ligadas às oportunidades de emprego em empresas alemãs.

No capítulo - Meios e mediações de comunicação - abordamos os meios de comunicação utilizados pelos entrevistados para fazer circular as informações entre os

associados e, conseqüentemente, entre membros da comunidade. Salienta-se o desafio das instituições em abordar novas formas de estabelecer essa comunicação a partir do advento da *Internet*. O que se vê é uma tensão entre o tradicional e o novo.

Para finalizar, tratamos das práticas do cotidiano por meio das quais está engendrada a cultura germânica.

O último capítulo - Vivências culturais e relatos de práticas – aborda os aspectos do cotidiano e as práticas mais valorizadas, segundo seus relatos, pelas quais eles convivem com as características da germanidade. São elas: a arte, que no caso desses entrevistados tinha expressão pela música e pela dança, os esportes e a culinária.

1. OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA

“A comunidade deve ser para seus membros como ‘uma casa de família’ onde eles possam se sentir à vontade, onde encontrem amigos com os mesmos ideais em situação de plena igualdade e onde o convívio fraterno permita a troca de alegrias e tristezas.”

(Adolph Kolping, 1813-1865)

Para trabalharmos com Narrativas Oraís de Histórias de Vida, faz-se necessário apresentar os agentes da história das associações estudadas que escolhemos para entrevistar. Também tratamos da trajetória histórica das duas associações estudadas a Sociedade Filarmônica Lyra e a Associação Católica Kolping. Neste capítulo, discutiremos a metodologia do trabalho, que é a História Oral, e o conceito de comunidade, que expressa bem o cotidiano dessas associações.

1.1 Narrativas Oraís de Histórias de Vida

As entrevistas foram feitas seguindo a metodologia das Narrativas Oraís de Histórias de Vida que partem de fundamentos do método da História Oral. Os entrevistados expuseram as suas experiências e os itinerários de vida que os levaram para essas associações. Entendemos que essas pessoas são os sujeitos de suas histórias, protagonistas de um momento específico da história de São Paulo e também do Brasil. Essa metodologia

(...) trata-se de narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome “vida” – e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos externos – origem e atualidade – tendem a ganhar lógica explicativa. Nessa linha, desde logo, a possibilidade condutiva do narrador merece cuidados a fim de gerar liberdade na autoconstrução do colaborador (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 82).

Narrativas Oraís de Histórias de Vida é um método desenvolvido pelo projeto Memórias do ABC, núcleo de pesquisas em memória e comunicação do Laboratório Hipermídias da USCS, coordenado pela Profa. Dra. Priscila F. Perazzo. Esse método consiste em registrar depoimentos nos quais os entrevistados contam suas histórias desde a infância, a partir de suas lembranças. Registram-se entrevistas orais em áudio e vídeo. Essas narrativas compõem o HiperMemo – Acervo Hipermídia de Memórias da USCS², um banco de dados

² Que pode ser acessado pelo link: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br/hipermemo/>

hipermídia destinado a acomodar as entrevistas e o acervo pessoal dos entrevistados nas diversas pesquisas do núcleo.

Ao utilizar-se de Narrativas Oraís de Histórias de Vida como possibilidade de estudo de processos comunicacionais, traz-se à tona o entendimento da formação das múltiplas identidades e as relações estabelecidas entre os movimentos políticos, sociais e culturais, já que “se a cultura comunica e para tanto deve se comunicar com outra cultura, o uso da memória como lembrança e o ato de narrá-la podem servir de meios para os sujeitos se identificarem em espaços locais, regionais ou globais” (CAPRINO; PERAZZO, 2008, p.125).

Os entrevistados foram escolhidos segundo a sua participação nas atividades das associações, ligados aos grupos de danças folclóricas, ao xadrez ou a Orquestra de Bandolins. O contato foi feito de forma lenta e gradual, a fim de conseguir entender a organização das associações e obter a confiança deles, algo que é fundamental para a entrevista, pois essas pessoas contaram as suas histórias de vida a alguém que elas pouco conheciam.

Também foram observadas as atividades das associações, por onde pudemos acompanhar os ensaios da Orquestra de Bandolins na Lyra, do grupo de danças folclóricas alemãs do Kolping e dos jogos de xadrez. Com isso, conseguimos entender como essas pessoas estão ligadas diretamente às associações e como se estabeleceu as relações deles com a cultura alemã.

Para a realização dessas entrevistas, foi criado um roteiro que serviu como um guia para provocar as lembranças dos entrevistados. O roteiro da entrevista cumpre a função de atingir os objetivos da pesquisa para que possamos identificar, nas falas dos entrevistados, as atividades das associações. A partir dele, o roteiro, o entrevistador pode conduzir as narrativas para coletar as suas informações e, ao mesmo tempo, deixar o entrevistado à vontade para se remeter à memória, “exatamente para garantir essas dimensões, recomendam-se entrevistas livres ou abertas, o mais possível. Condene-se condução, por meio de questionários ou perguntas fechadas, em entrevistas de Histórias Oraís de Vida” (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

A memória é muito mais abrangente do que as lembranças, embora a lembrança esteja contida na memória. Há a memória coletiva e a memória individual e o que nós contamos como pessoal pode ser uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990). A relação estabelecida entre o pesquisador e o entrevistado cria relações entre a memória individual e a coletiva, porém cabendo ao pesquisador estar atento a essas questões.

A memória é algo que se constitui no presente e pelo presente (RICOUER, 2006), pois é no instante em que a lembrança vem à tona que se aciona a memória sobre aquilo que foi

estimulado a lembrar-se, ou seja, o entrevistado lembra aquilo que deseja no momento em que deseja, portanto a narrativa é praticada no presente.

É na memória que o indivíduo se reconhece, pois, se ele é capaz de lembrar, é capaz de reconhecer a si mesmo no tempo, naquilo que ele entende por passado. Mesmo que o entrevistado silencie algum trecho de sua lembrança, propositalmente ou não, isso revela a sua forma de se ver na sociedade.

Na lembrança, existe um raciocínio que determina que, se o indivíduo é capaz de lembrar-se de algum fato, é porque a imagem sobreviveu ao tempo, e ele está pensando nela no momento do relato. “O passado é contemporâneo do presente que ele foi” (RICOEUR, 2006, p. 138).

Le Goff (2008) afirma que a narração é algo social, já que é o ato de comunicar algo que não está no presente. Dessa forma, a narração sempre estará no passado uma vez que se trata de algo que já aconteceu.

Sobre os dois tipos de memória: individual ou coletiva, podemos dizer que todos possuímos ambas, ou seja, uma memória que se remete a ações feitas pelo indivíduo no seu cotidiano e memória que pertencem a todos do grupo. Por exemplo, um grupo de pessoas viaja para o exterior e todos se lembram do acontecimento, sabem que foram para outro país, mas nem todos sabem de detalhes que só ocorreram com alguns do grupo, como um presente pequeno ou uma palavra sobre alguma situação. Assim, nesse exemplo, a memória da viagem faz parte da memória coletiva, e o presente ou a palavra faz parte da memória individual (HALBWACHS, 1990).

Mesmo um país sempre tem essas duas dimensões da memória, no qual o Estado pode interferir criando um esquecimento coletivo sobre algum momento delicado, por exemplo, a ocupação da associação alemã Sociedade Filarmônica Lyra, que possuía um prédio no centro de São Paulo, tomado pelas autoridades políticas durante a década de 1940. Este fato somente é lembrado por alguns membros da associação, porém não foi possível identificar nos prontuários policiais do DEOPS/SP (Delegacia Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo) alguma evidência que comprove esse evento. Podemos também compreender que este fato é uma forma de construir o imaginário da associação sobre si mesma, uma vez que podemos afirmar que a Sociedade Filarmônica Lyra foi observada pelos agentes do DEOPS/SP, mas a intervenção militar não. Por isso:

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto,

uma das fases da memória pública tende a permear as consciências individuais (BOSI, 2003).

Le Goff (2008) também afirma que o processo de lembrança não obedece a uma ordem exata e cronológica, por exemplo, a questão da ocupação na Lyra discutida a pouco, pois revela uma imprecisão da memória. Muitas vezes, no momento da narração, o entrevistado vai e volta nos episódios de sua vida. Por esse motivo, afirma o autor, não se deve esperar uma memória exata do entrevistado e em concordância com Ricoeur (2006), o entrevistador deve deixar o entrevistado o mais à vontade possível para que as suas lembranças sejam estimuladas e o processo de raciocínio não seja interrompido. Le Goff (2008) ainda critica essa memória dependente da escrita, que obriga o sujeito a se lembrar de tudo de forma exata, cronológica, e acaba por facilitar a escrita, uma vez que se apoia e confia na escrita a memória que um dia esteve interiorizada no indivíduo.

Tendo considerado as discussões desse subcapítulo, passaremos agora a apresentar as associações escolhidas para esse trabalho.

1.2 As associações culturais

Encontramos duas associações para o presente estudo: a Sociedade Filarmônica Lyra e a Associação Católica Kolping. A primeira foi selecionada por se tratar de uma sociedade filarmônica, ou seja, na qual a música é o foco da formação da instituição, que permite pensar a cultura alemã por meio da expressão da música e das artes; já a segunda associação foi escolhida por se tratar de um local destinado ao lazer. Lá também podem ser identificados elementos artísticos, uma vez que a Associação Católica Kolping mantém um grupo de dança folclórica alemã, unindo dessa forma o lazer e a arte. Podem-se observar as relações pessoais estabelecidas em dois ambientes distintos, mas unidos pela cultura alemã.

Ao trabalhar com a comunidade cultural alemã foi necessário traçar uma pesquisa na qual fossem encontradas as diversas associações culturais espalhadas pela cidade de São Paulo. Dessa pesquisa, foram encontradas quatro; delas escolhemos duas. A Sociedade Filarmônica Lyra pela sua ligação com as artes e a Associação Católica Kolping pela sua ligação com o lazer. Essas duas associações tiveram, ao longo de sua história, a maioria de seus sócios ligados à comunidade alemã. Hoje isso não é notável, porém as duas associações promovem eventos a fim de manter a cultura alemã viva em suas atividades, como grupos de danças folclóricas, orquestra de bandolins e o jogo de cartas alemão chamado Skat.

A imigração alemã no Brasil iniciou-se no século XIX com o Primeiro Reinado, a partir de 1824 com a formação da primeira colônia no Sul do país. Um dos maiores destinos dessa imigração era o Sul e Sudeste, a política monárquica da época esperava que essa imigração preenchesse os “vazios demográficos”; assim, o governo estimulava a vinda desses imigrantes.

A colônia alemã em São Paulo teve o seu início em 1827 na região onde hoje se encontra o bairro de Parelheiros na capital paulista, eram aproximadamente mil colonos que desembarcaram no porto de Santos e foram levados até essa região para realizarem atividades agrícolas.

Também houve deslocamentos para áreas urbanas, principalmente na década de 1920/30, estes desempenharam funções como operários, religiosos, professores, etc. Nesse período, a comunidade alemã estava em torno de 20 mil pessoas (GREGORY, 2013).

O bairro do Campo Belo teve a partir do início do século XX a vinda de várias famílias de origem germânica, que compravam lotes e construía suas casas, na época o bairro ainda tinha característica rural, mas após a década de 1920, com a vinda do bonde, começou a ter contornos urbanos. A comunidade alemã local foi responsável por promover algumas dessas mudanças com a criação de escolas, igrejas e associações.

Formada em 1923, no bairro de Campo Belo, com a ajuda da família Hufnagel, a Associação Católica Kolping nasceu com o intuito de reunir a comunidade de língua alemã tanto do bairro como da cidade e oferecer auxílio para conseguir emprego no Brasil e lazer para as famílias (WEBER e WEBER, 2006).

Teve uma primeira sede administrativa ainda no Campo Belo, mas foi construída uma sede social em um terreno situado no atual bairro da Chácara Santo Antônio, na Rua Major Diogo, número 15, às margens do rio Pinheiros. Nessa sede, eram feitas as atividades voltadas para o lazer, sendo elas: natação e piquenique, principalmente (WEBER e WEBER, 2006, p. 259), porém, com o tempo, as obras realizadas na região do rio Pinheiros e o aumento do número de sócios obrigou a diretoria a mudar o clube para o atual terreno no Campo Belo, na Rua Barão do Triunfo, 1213, em 1938.

Ao longo de sua história, o Kolping construiu edifícios para a utilização e atualização das ofertas que poderiam oferecer para o lazer de seus sócios, como, por exemplo, a construção da pista de bolão, um jogo muito praticado pela comunidade germânica que se assemelha ao boliche. Também foi trazida para o mesmo endereço a sede administrativa da instituição (WEBER e WEBER, 2006, p. 259).

Mais tarde, foi construído um salão para eventos formais que obteve a doação de empresas ligadas à comunidade alemã. Também construíram uma capela para a celebração das missas e um segundo salão. Por fim, a piscina foi uma das últimas obras feitas no Clube. É relevante ressaltar que cada um dos salões tem seus nomes batizados segundo as regiões de língua alemã. O Salão Nobre se chama Germânia e o outro Áustria, em referência às principais regiões que falam a língua alemã. Durante a formação do clube, houve a presença de vários sócios vindos desses dois países. Além disso, em uma das paredes do Salão Áustria, estão fixados os símbolos de cada uma das províncias austríacas (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

O nome Kolping se deve ao padre alemão Adolph Kolping que, em 1849, iniciou um trabalho para ensinar uma profissão aos jovens sem emprego, e os qualificar no mercado de trabalho. Por conta dessa característica, a Associação Católica Kolping começou os seus trabalhos no Brasil, visando ajudar aos imigrantes alemães que chegavam.

Na década de 1950, a associação decidiu trazer o ideal da obra Kolping de assistência aos mais carentes para o Brasil, assim surgindo a Obra Kolping do Brasil (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

A Obra Kolping do Brasil continua se dedicando a ensinar uma profissão aos mais carentes além de proporcionar lazer nas horas vagas. Esse trabalho é realizado em comunidades afastadas das áreas centrais das cidades, tanto de São Paulo como de outras cidades do estado, e, nesses espaços, são dadas aulas com equipamentos industriais e proferidas palestras que se dedicam a mostrar a importância da família e do trabalho.

Os núcleos da Obra Kolping foram estruturados a partir das propostas da Associação Católica Kolping e foi pensada durante anos pelos diretores da instituição, sendo colocada em prática na década de 1970. Os associados se mostram muito orgulhosos da Obra Kolping, muito embora, atualmente, por motivos econômicos, a Associação Católica Kolping não contribui financeiramente com a Obra; apenas enviam donativos e realizam alguns bazares beneficentes. Assim:

[...] aqui na associação se criou a Obra Kolping que é uma obra assistencial e tem essa mesma filosofia de trabalhar, o trabalho lazer e a família. E aí hoje nós somos mais de quinhentas unidades do Brasil inteiro. Quer dizer, eu falo hoje nós somos, porque foi daqui que saiu essa semente da obra Kolping que é hoje usada hoje no mundo inteiro a mesma filosofia. Veio daqui. (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

A maioria dos sócios da Associação Kolping era de origem germânica até pelo menos a década de 1970, porém, com a diminuição do fluxo migratório para o Brasil (GREGORY,

2013, p. 15) e a mudança do perfil dos descendentes de alemães, essa associação teve muita dificuldade para manter os aspectos culturais do povo germânico. Hoje, a instituição tem aproximadamente 20% dos associados de origem alemã. Um dos reflexos diretos dessa diminuição de associados está ligado à cultura germânica e à perda do uso fluente da língua, pelo fato de não falarem mais com frequência a língua alemã no interior das comunidades e das famílias. Nas visitas feitas à instituição, só conseguimos ouvir conversas em alemão dos membros da diretoria e mesmo entre eles as conversas foram curtas e de poucas palavras. No entanto, os entrevistados sentem a falta de falar alemão constantemente:

Olha, eu acho que é difícil. Eu vou te falar assim, eu tive professores de alemão que ela falava, ela era nordestina, então ela falava o alemão com sotaque nordestino, eu acho que aqui, vamos falar assim, São Paulo, Rio Grande do Sul, é difícil você aprender alemão e puxar pra algum sotaque ou ter alguma coisa que você traga junto. Eu não consigo ver isso, nas pessoas que falam alemão, aqui no sul e são brasileiros. O que eu vejo é a pessoa falar um alemão que nem eu falo. Eu falo que é um alemão macarrônico, não tem as concordâncias certas, mas você se fazer entender, então isso é possível. O Günther, por exemplo, ele tem os pais alemães, mas ele não fala um alemão supercorreto. Então, isso é que eu acho que caracteriza mais que o sotaque, não sei se eu me fiz entender? (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Outro exemplo dessa dificuldade em falar o alemão se observa no ambiente familiar: “Meus filhos, a Mônica, Marcelo e a Marion, eles falam alemão, não corretamente, logicamente que o brasileiro fica falando o português e esquece do alemão, mas eles entendem tudo e participam da vida da gente também.” (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Entretanto ainda é possível observar algumas tentativas de sobrevivência de aspectos característicos alemães. Existe hoje, na antiga sede administrativa, um restaurante de comidas típicas alemãs. Também é oferecido um curso de língua alemã, há um grupo de dança folclórica alemã e também há partidas de jogo de Skat (jogo de cartas tipicamente alemão).

O perfil do sócio atual do Kolping é constituído por pessoas que moram no bairro e são de extratos sociais mais abastados. Os principais atrativos são a piscina e o restaurante. Os salões são alugados para eventos, principalmente de escolas da região, não necessariamente alemãs, muito embora algumas escolas alemãs também já tenham utilizado esses espaços.

O Kolping se formou com uma base no catolicismo, influenciados a partir da história do padre católico Adolf Kolping. Ele acreditava que o trabalho tinha que ser acompanhado do lazer. Formaram o clube onde os sócios teriam, ao mesmo tempo, o lazer e o contato mais próximo com a sua fé. Não tivemos relatos sobre a questão religiosa do catolicismo, mas pudemos observar que não existe a obrigatoriedade de serem católicos para pertencerem ao

clube, e o presidente do clube não é católico. Nas dependências do clube, há uma capela onde são realizadas missas em todos os domingos para os sócios e a comunidade local. As missas são rezadas em português. Na entrevista, Horst Graetz afirma que, no clube, há uma liberdade religiosa que ele nunca havia visto, pois, para ele, a religião que o indivíduo professa não interfere na sua convivência dentro da associação.

Formada em 1884 como um coral masculino, a Sociedade Filarmônica Lyra tinha o nome de *Deutscher Maenner Gesang Verein*. Inicialmente, era quatorze homens que se reuniam para cantar músicas alemãs.

Esse grupo se apresentava para a comunidade germânica em vários bairros da cidade de São Paulo e costumava ensaiar no centro da cidade. Em 1925, já contavam com mais de duzentos sócios e conseguiram reunir fundos para construir a sua primeira sede, na Rua São Joaquim, no bairro da Liberdade, inaugurada em 1935. Em 1939, o coral passou a aceitar mulheres, algo não muito comum para o período (WEBER e WEBER, 2006, p. 267).

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942, a comunidade germânica de São Paulo passou a ser considerada “perigosa”, perseguida e vigiada (PERAZZO, 1999). Para as autoridades brasileiras à época, era possível que:

revolução se realizasse, fosse ela cultural ou política, sempre foi uma preocupação dos censores do poder que, de uma forma geral, tentavam impedir que ideias sediciosas circulassem entre as classes menos privilegiadas (CARNEIRO, 2002, p. 265).

Nesse contexto de controle e perseguição, a associação foi fechada. Segundo a documentação encontrada no fundo DEOPS/SP no Arquivo Público do Estado de São Paulo, na pasta intitulada “Nazismo” (nº 5405, vol. 1), consta de diversos documentos recolhidos ou produzidos pela polícia política. Nesses documentos, a polícia é explícita em alegar o caráter nazista dessa associação no anos 1930. Para a polícia: “a Sociedade Lyra, à Rua São Joaquim, é de fato uma Sociedade nazista, e isso é desde há muito sabido, mas nada pudemos saber quanto as suas atividades”³. Essa acusação

(...) levou ao fechamento da sociedade e a desapropriação do edifício duramente conseguido. Ali se tornou sede de unidade militar. Os músicos, que também tocavam instrumentos variados, doaram esses instrumentos à Cruz Vermelha. Finda a Guerra Mundial, a Sociedade reabriu com novo nome: Sociedade Filarmônica Lyra e conseguiu uma sede provisória na Rua Pires da Motta, na Aclimação. Os ensaios aconteciam na fábrica de chocolates Sönksten, na Rua Vergueiro, no restaurante na Rua da Móoca e, finalmente, nas dependências do colégio alemão Benjnamim Constant, na Vila Mariana (WEBER; WEBER, 2006, p. 267).

³ *Comunicado dos Investigadores nº 773*. São Paulo, 23/08/1939. Prontuário nº 5.405, nome: “Nazismo”. DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo. ANEXO 3

Durante o governo de João Goulart, sob o nome Sociedade Filarmônica Lyra, os associados conseguiram reaver o prédio da Rua São Joaquim, mas foi novamente tomado por militares após o Golpe de 1964 e até hoje a associação não tem o controle desse prédio (WEBER; WEBER, 2006). Já participaram de vários processos para tentar reaver o edifício, porém sem sucesso.

Em 1973, a Lyra comprou uma casa para sua própria sede na Rua Tarquino de Souza, 866, no bairro do Campo Belo, onde se mantém até hoje realizando as suas atividades que são ligadas a arte alemã.

A instituição oferece o coral, bastante tradicional na Lyra e um grupo de dança folclórica, yoga e uma Orquestra de Bandolins. O espaço é composto por uma casa grande, onde são servidos almoços e jantares oferecidos pela instituição. Essa casa é cercada por um jardim e nos fundos do terreno há um grande salão onde são realizadas as atividades culturais. Nesse salão, pode-se observar um palco e um piano de calda. No chão, outro piano, porém de parede. Ao lado deste, encontram-se dois perfis talhados na madeira: um é de Carlos Gomes e o outro, de Richard Wagner, considerados dois expoentes da música clássica no Brasil e na Alemanha. Isso evidencia o nacionalismo presente no cotidiano dessa associação. Também estão pendurados tecidos nas cores da bandeira da Alemanha e espalhados por vários lugares a imagem da harpa, que é o símbolo da Lyra.

Além dessas atividades, a Lyra também oferece almoços com temas alemães, como o *Biergarten*, que é uma tradição na Alemanha, em que os bares oferecem aos seus clientes tomarem cerveja e petiscarem algo na calçada. No jardim da Lyra, é servido um almoço aos domingos. Também há atividades sem qualquer relação com a cultura germânica, como o rodízio de frutas.

III Biergarten-Fest na Lyra

**Sábado, dia 17 de Agosto de 2013
a partir das 11 horas**



com especialidades germânicas da "Berna" e Chopp
sob frondosas árvores.
Música e danças folclóricas

Mais uma vez a Lyra convida para o seu
"Biergarten", no Sábado, dia **17 de Agosto** a partir
das **11 horas**, na Lyra, Rua Otávio Tarquínio de
Sousa, 848, Campo Belo. Tel: 5041-2628

Trajes típicos são bem-vindos!

Ingressos:

Sócios: R\$5,00, Não sócios: R\$10,00, em Trajes Típicos: R\$5,00

Circular de convite ao Biergarten-Fest. Set, 2013, acervo da Sociedade Filarmônica Lyra

A Lyra tem dificuldade de manter o número de sócios que, hoje, não passam de cem pessoas, e essas já se encontram muito idosas. O que compromete a obtenção de recursos para a manutenção da associação é que a Lyra não tem como oferecer à comunidade do seu entorno um espaço de lazer, como uma quadra ou uma piscina. Como suas atividades são artísticas, a instituição sofre com problemas financeiros, captando recursos dos aluguéis do salão para festas e ensaios de outros grupos de músicos, não necessariamente ligados à cultura alemã.



Fundada em 1884, a Lyra é a associação cultural de origem alemã mais antiga em atividade em São Paulo. Preservamos a cultura alemã por meio do nosso Coral, do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs "Gold & Silber" e do Grupo Tirol, além do jogo de "Skat".

Em nossas dependências também se reúne a Orquestra de Bandolins de São Paulo para seus ensaios. Venha nos fazer uma visita! Você e sua família serão sempre bem vindos.

Participe de nossas atividades regulares:

- Coral da Sociedade Filarmônica Lyra
- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs "Gold und Silber"
- Grupo de Danças Tirol
- Grupo de Skat
- Grupo de Yoga

Concertos dominicais, tardes de cinema com almoço e café, tardes de bingo, desfile de moda, bazares de dia das mães e de Natal, festas temáticas, bailes, almoços, e muito mais.

Casamentos, confraternizações ou aniversários? Faça sua festa em nossos salões.

Temos uma sala mobiliada para work-shops.

Informações: Tel. (11) 5041-2628 ou 5039-632

Visite nosso site www.lyra.org.br, clique no ícone do Facebook, acesse o álbum "nossa sede" e veja as fotos do local.

Frente e verso do folder de divulgação da Sociedade Filarmônica Lyra. Set 2013, acervo da Sociedade Filarmônica Lyra.

1.3 Os Narradores

Os nossos entrevistados são descendentes de alemães e é necessário, para compreendê-los, conhecer a origem de suas famílias, em que momento vieram para o Brasil, por qual motivo vieram e se retornaram para a Alemanha. Seguiu-se a metodologia de Narrativas Orais de Histórias de Vida que conduz a entrevista buscando aspectos da vida do entrevistado como infância e trabalho, para que se possa entender as razões que o levaram até as associações em

que participam, as práticas realizadas pelas instituições visando à manutenção dos elementos culturais alemães.

Tabela: Perfil dos Entrevistados

Entrevistados	Idade	Origem	Data e cidade da chegada da família ao Brasil
Horst Graetz	77	Rio Claro (SP)	1930 / Rio Claro (SP)
Carlos Busch	50	Ferraz de Vasconcelos (SP)	1935 / Juiz de Fora (MG)
Günther Hufnagel	78	São Paulo (SP)	1933 / São Paulo (SP)
Helmuth Stapf	75	São Paulo (SP)	1920 / Indiana (SP)
Elfriede Schmidt	75	Indiana (SP)	1930 / Indiana (SP)

Horst Graetz

Nasceu em 1936, em Rio Claro, no estado de São Paulo. Seu pai veio para o Brasil em 1930 para substituir o pastor da Igreja Luterana da cidade que “(...) precisava, devido a sua idade já um pouco avançada, de um sucessor” (Horst Graetz, 11/04/2013, HiperMemo/USCS). O pastor anterior chamava-se Teodoro Koller, que, além de pastor, também era o diretor do colégio alemão da cidade, o Instituto Koller, onde Horst estudou.

Tratava-se de uma escola alemã ligada à comunidade luterana da cidade. Também funcionava como colégio interno, onde, segundo o entrevistado, “muitos alemães [que] queriam uma educação mais severa, mais germânica, mandavam seus filhos ou filhas para estudarem em Rio Claro nesse colégio” (Horst Graetz, 11/04/2013, HiperMemo/USCS). Isso revela muito da vida cotidiana dessa comunidade, em que uma “educação mais severa” representa as características da educação alemã e define o valor e a importância que a educação tem para essas pessoas. Dessa forma, fica evidente que uma educação mais severa representa o imaginário a respeito da educação a qual essa comunidade possui (BASZCO, 1985).

Estudou em Rio Claro até completar o ensino básico e, depois, mudou-se para São Paulo para fazer faculdade. Graduiu-se na USP em Filosofia e Psicologia⁴ em 1959, porém não exerceu nenhuma das duas formações. Trabalhou para a Volkswagen do Brasil, mudou-se

⁴ Na época os alunos do curso de Filosofia se formavam também em Psicologia, assim Horst tem os dois diplomas.

para Alemanha onde trabalhou para a Mercedes-Benz e, depois de se casar, voltou ao Brasil. Encerrou a sua carreira profissional em 1992 na Mercedes-Benz do Brasil, atualmente está aposentado.

Hoje é tesoureiro do Kolping, além de participar do grupo de xadrez que se reúne todo sábado nessa associação. Optamos por sua entrevista, pois ele faz parte do corpo diretivo do clube.

Günther Hufnagel

Nascido em 1935, é filho de alemães que vieram ao Brasil em torno de 1933. Deixaram a terra natal por conta das dificuldades da crise econômica que assolava a Europa na época. Seu pai, junto com os tios, ajudou na fundação da Associação Católica Kolping. Também trabalhou como cabeleireiro, tendo salões no centro de São Paulo. A família Hufnagel sempre esteve ligada à diretoria do Kolping, estabelecendo laços fortes entre o clube e a família. Isso evidencia o caráter que as associações estabeleciam no Brasil, pois elas representam o espaço de acolhimento dos alemães. Dessa forma, há um entendimento comunitário, tácito, na qual não há a necessidade de acordos artificialmente produzidos, pois, segundo Bauman (2003), trata-se de uma comunidade acolhedora.

Hufnagel estudou no colégio Humboldt e no colégio Porto Seguro, ambos da comunidade alemã da capital. Formou-se em colégio técnico e trabalhou como Gerente de Relações Industriais na Karman & Guia. Atualmente é bailarino no grupo de dança folclórica Edelweiss, no Kolping. Também organiza os bazares realizados no clube. É aposentado. Optamos por sua entrevista, pois, além de fazer parte da diretoria do clube, sua família tem uma ligação forte com a associação, tornando, assim, o seu relato interessante.

Carlos Busch

Nascido em 1963, é o atual presidente do Kolping. Seu pai é filho de alemães nascido no Brasil e, assim como o pai de Horst, era pastor da Igreja Luterana na cidade de Ferraz de Vasconcelos. O avô de Busch também foi pastor:

É, ele veio para ser Pastor. E, nós temos na Igreja Luterana tipo um... , não é bem seminarista que nem para os padres, tem uma fase antes de ser Pastor, de se ordenar Pastor. Como lá (na Alemanha) estava pré-guerra em 35, já percebia que o negócio começava a ter problemas de talvez uma guerra. Ele veio para ser ordenado Pastor no Brasil. Quer dizer, como abriu essa vaga para ele vir a Juiz de Fora e ele abraçou isso e veio primeiro e aí, quando ele percebeu que aqui dava para ficar, chamou a minha avó (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

O pai de Carlos Busch nasceu em Minas Gerais como o próprio Carlos explica:

Meu pai era mineirão por contingência de meus avós, que vieram para uma comunidade em Juiz de Fora. Como eles casaram no Brasil, quer dizer, já se conheciam na Alemanha, eles casaram aqui no Brasil, a cidade maior e mais próxima era Belo Horizonte, por isso que nasceu em Belo Horizonte (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Seus pais se conheceram em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde o pai se formou em teologia e a mãe em um curso técnico de serviços do lar. Eles se encontravam nas festas da cidade e começaram a namorar, casaram-se em janeiro de 1963 na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Bush estudou nos colégios Humboldt e Porto Seguro, fez faculdade de engenharia na FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), trabalhou na Walita por dois anos e em subsidiárias da empresa Nordon. Hoje formou a sua própria empresa no ramo de engenharia. Também é o coordenador do grupo de danças folclóricas alemã Edelweiss, no Kolping e presidente da associação. Convidamo-lo para fazer a entrevista, pois era interessante para o trabalho a posição mais oficial da instituição; dessa forma, o presidente era a pessoa ideal para isso.

Helmuth Stapf

Atual presidente da Sociedade Filarmônica Lyra e também músico da Orquestra de Bandolins de São Paulo, que realiza os seus ensaios na Lyra. Nascido em 1938, é filho de alemães que vieram para o Brasil em 1920, porque perderam suas economias por conta da Primeira Guerra Mundial. Compraram um terreno no interior de São Paulo, próximo à cidade de Indiana, região onde estava se formando uma colônia alemã. Eram várias famílias vindas da Alemanha que se estabeleceram nessa área.

Morou em Ceres, no estado de Goiás, onde estudou em escolas locais até fazer escola técnica de metalurgia no SENAI em Anápolis (GO). Depois veio para São Paulo e trabalhou em diversas empresas no setor metalúrgico até se estabelecer na MWM e ser levado para a empresa alemã de rolamentos automotivos Schaeffler, onde trabalhou por 35 anos até se aposentar. Hoje trabalha no ramo do turismo. A sua entrevista foi interessante para nós pelos mesmos motivos de Carlos Busch, além de Helmunth ser um dos fundadores da Orquestra de Bandolins de São Paulo.

Elfriede Schmidt

Nascida em 1938, é, juntamente com Helmuth Stapf, uma das fundadoras da Orquestra de Bandolins de São Paulo. É filha de alemães que vieram para o Brasil logo após a Primeira

Guerra Mundial, porém o seu pai tinha uma doença de pele que, segundo os médicos da época, só poderia se curar na Alemanha, por conta do clima. Em 1939, ao retornarem a Alemanha para o tratamento médico, “estoura” a Segunda Guerra Mundial e a família de Elfriede permanece lá durante a guerra. Seu pai serviu ao Exército Alemão e morreu em combate, sua mãe e outras três irmãs se viram obrigadas a viver na Alemanha dividida pelas potências vitoriosas da guerra, pois a aldeia em que elas estavam (Rödlin) ficou do lado soviético com o fim do conflito. Elfriede relatou que havia constantes estupros e violências realizadas pelos soldados soviéticos contra a população local e que, por conta disso, decidiram fugir para o lado americano. Após a fuga, estabeleceram-se na cidade de Wuppertal, onde foi alfabetizada e terminou todo o ensino básico alemão. Em 1953, sua mãe, casada novamente, decide voltar para o Brasil, onde vai viver no estado do Espírito Santo.

Elfriede trabalhou como enfermeira no Hospital Oswaldo Cruz e depois foi secretária na Hoechst do Brasil, empresa química/farmacêutica alemã. Trabalhou nessa empresa até dar à luz o seu primeiro filho em 1969. Hoje trabalha como professora de alemão em Sorocaba (SP) e é musicista na Orquestra de Bandolins de São Paulo. Sua entrevista foi importante para nós, pois Elfriede participa das atividades da Lyra há muito tempo e também foi, ao lado de Helmuth, uma das fundadoras da Orquestra de Bandolins de São Paulo.

1.4 A comunidade imaginada

A comunidade é o espaço onde o indivíduo se sente seguro e protegido, acolhido das dificuldades externas. Assim, os alemães que vieram ao Brasil formaram as suas comunidades, buscando apoio e compreensão. Neste subcapítulo, discutimos como o viver em comunidade é importante para os alemães e como eles a veem.

O relato de Carlos Busch sobre a morte de seu pai permite-nos compreender a força dos costumes alemães herdados pelos antepassados na constituição do sentido de pertencimento a uma comunidade:

[...] Então não tenho muita lembrança, depois do falecimento dele [meu pai] é como qualquer família que perde um ente querido, ou uma base da família, ela se une muito. Então muitos costumes que eram germânicos a gente manteve como base de educação, então, por exemplo, jantar à noite todo dia junto, café da tarde, é, sentar para conversar, então são coisas que a gente manteve por causa da educação. Minha e da minha irmã, então a gente acabou criando um núcleo. Eu acho que aí que deu essa relação familiar fe..., não fechada mas, mais próxima, com mãe, tia e avó. Aí deu para manter a base da educação (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Também observamos em outros relatos esse aspecto da tradição familiar que assume a manutenção dos traços culturais. A família de Helmuth Stapf via a cultura alemã como o seu legado, a sua herança e que seus filhos não poderiam deixar de lado, assim é formada a Orquestra de Bandolins de São Paulo. Segundo Helmuth: “Com isso, eu acabei entrando na sociedade alemã porque, aí, eu encontrei mais pessoas jovens que falavam alemão. E me dava bem com eles e tudo mais” (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Elfriede Schmidt, que vivenciou a Segunda Guerra Mundial e foi forçada a deixar a Alemanha em função disso, procurou no Brasil pessoas que falassem a sua língua e que pudessem entender a sua forma de ver o mundo, que compartilhassem com ela as mesmas práticas culturais. A tradição familiar, o respeito a um ente querido e a cultura estão relacionados e determinam, muitas vezes, a entrada dessas pessoas nas associações culturais alemãs no Brasil.

Todas essas evidências demonstram como o sentimento de comunidade é tão forte nessas associações, pois esse é o espaço onde estão seguros para se expressar, onde os outros membros entendem os seus problemas e lhes passam segurança. De acordo com Bauman (2003), a comunidade é o espaço onde o indivíduo se sente seguro, é o espaço do acolhimento, e, pelos relatos dos membros das associações, esse aspecto ficou evidente, pois os entrevistados demonstraram sentirem-se peças da engrenagem que mantêm as suas associações funcionando. Dessa forma, podemos observar que esse sentimento de comunidade é o que os leva a ir até a Lyra, ao Kolping ou a qualquer outra associação, por mais distante que seja, pois lá eles se sentem pertencentes àquele espaço.

Os entrevistados evidenciam os seus anseios em relação à comunidade, como eles desejam vê-la e discutem os problemas para a manutenção e sobrevivência das associações. Günther Hufnagel demonstra o seu ideário de futuro para o clube Kolping:

O que eu espero? O que eu espero é que continue o Kolping a levantar bandeira, e continue firme, enquanto eu tiver aqui, eu estou! Eu sou da diretoria a tanto, tanto tempo, desde pequeno. Eu já fui, quando nós começamos a jogar handball, eu era moleque. Então desde daquela época eu já fazia parte da diretoria. Hoje eu também faço parte da diretoria. Meus pais da diretoria. Meus tios da diretoria, então praticamente nós estamos em família aqui (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

O ambiente da comunidade contém em si a identidade dos entrevistados. Eles se reconhecem nesse ambiente, por isso, ao se depararem com a possibilidade do fim desses lugares, criam um sentimento de incerteza, porém não podemos deixar de considerar que a comunidade alemã da forma como eles a conheceram não existe mais. Nós também não temos ainda a dimensão de como ela está estruturada nesse novo século, mas temos certeza de que

ela não obedece aos mesmos padrões do século passado. Talvez, em estudos futuros, possamos compreender melhor as novas formas de se associar atualmente, por estarmos imersos nesse momento histórico.

Dessa forma vemos:

A gente tenta manter, agora eu me sinto muito bem aqui. Dentro dessa comunidade, desse povo que vem aqui, eu, eu hoje em dia já são maioria são pessoas já de idade, mas com história de vida muito bonita de um e de outro. Porque eu faço as viagens, eu vivo com o pessoal na estrada. Então, dentro do ônibus, você senta com um e senta com outro e conversa tal. É muito interessante, é uma lição de vida realmente que eles passam prá gente. Agora, aqui, a gente não pode viver só do passado, a gente tem que olhar para o futuro. Então eu também, meu mandato termina em março do ano que vem e eu não quero continuar. Eu acho que não devo nem continuar, em primeiro lugar porque eu vivo muito fora de São Paulo. Eu passo muito pouco tempo aqui, eu estou sempre viajando por causa do meu trabalho, né. Porque eu não trabalho mais na indústria, eu trabalho com turismo, então eu vivo rodando por aí. E... e tem que está muito mais presente aqui, a gente tem que estar aqui entende. Mas... estou vendo que, da minha diretoria, dos que me acompanham aí, tão todos mais ou menos que nem eu assim, né, eu sou quase o dente de leite. Então não dá, e agora calhou se vê como sempre tem uma luzinha no fim do túnel. Eu conheci um rapaz, um grupo que, na verdade, eles já vêm aqui sempre, todo domingo, eles iam lá no Benjamin Constant [...] e então estão ensaiando aqui.[...] Todos jovens! [...] e não são, não são alemães, tem um, o dirigente, que é descendente de alemão e não sei que mais lá, fala o alemão mais ou menos. E, eu convidei ele essa semana para participar da nossa primeira reunião de diretoria. Eu vou trazer ele para cá! E eu, mais dia menos dia, esse menino vai ser presidente aqui, né? Eu quero que ele seja, porque é o que é a próxima geração! Ele pode trazer mais gente, porque vai estar mesmo no nível dele. Ele pode mudar aqui o sistema que nós temos aqui. O nosso sistema é arcaico em muitas coisas. Eu sei disso, mas é onde nós nos sentimos bem, porque a gente foi criado dentro desse, desse clima, mas você tem que pensar no que vem vindo (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

O sentimento de pertencimento à comunidade se revela pela noção de identidade que o indivíduo constrói a partir de seus ancestrais, sua história e seus costumes:

Eu só posso dizer o seguinte: ‘Quem não valoriza o passado, e aplica no presente, ele não tem futuro, não pode cobrar o futuro’ Eu talvez falei as palavras certas, mas é se você não valoriza aquilo que seus pais lhe deram, que nos ensinaram, que nos trouxeram implantaram isso na cabeça da gente, se nós não sabemos aproveitar isso e passar para nossos filhos, a gente num valeu a pena ter vivido não. Eu vou dizer mais uma coisa: “aprenda línguas”. Quem me salvou, quem me ajudou na minha vida, você viu, eu não tinha escola nenhuma, fui eu falar o alemão (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Ou seja, a língua e a cultura trazida pelos pais, na visão deles, devem ser preservadas, pois elas geram o sentimento de pertencimento e formam a comunidade de língua alemã.

Helmuth justifica o porquê de preservar a cultura alemã:

[...] enfim, e aqui a gente procura manter acesa, exatamente dentro daquele padrão que os nossos antepassados nos ensinaram, 129 anos, tem uma história atrás disso, sempre em prol do Brasil! Porque você faz aqui, fica tudo aqui no Brasil! Você ensina danças, música, canto, tudo! É para se apresentar aqui. É para se melhorar a cultura brasileira. Ou, se não melhora, você inserir ela na cultura brasileira, diria assim, melhorar não, porque tem coisa muito melhor por aí. E é o que nós fazemos hoje [...] (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Ao longo da pesquisa, podemos constatar que as duas instituições estudadas, a Associação Católica Kolping e a Sociedade Filarmônica Lyra, mantinham contato, além de promoverem eventos juntas. Havia muitos sócios que frequentavam as duas instituições, como podemos observar no relato de Günther Hufnagel:

Não, os meus pais, eles quando vieram prá cá, eles vieram para a Associação Católica Kolping e automaticamente só tínhamos praticamente esses dois clubes alemães, eles iam tanto num como no outro, então são sócio dos dois, e eu também fiquei sócio, canto na Lyra até hoje e, ainda ontem tivemos ensaio. Eu canto lá como se fosse um sócio normal, como sou daqui também. Aqui faço parte da diretoria, lá eu fiz parte da diretoria, mas não faço mais. Mas eu vou participar sim, nós participamos muito, festivais de corais e tudo a gente vai se apresentar (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Além desse aspecto entre as duas associações, observa-se também que havia certo contato entre as associações alemãs em São Paulo. Günther Hufnagel afirma que o Kolping e a Igreja São Bonifácio faziam eventos conjuntos e que as diretorias das duas instituições conviviam. Isso também acontecia na Lyra:

Ah, Sim! Nós não temos... Antigamente houve essa rixa, sabe? Nos bons tempos depende o presidente depende a, de todo o mundo. O grupo de dança não gosta do grupo de dança deles lá porque: “Nós dançamos melhor, né? Claro”. Então, essa aí, isso aí existe, então [...] quando dá briga aqui “ Ah!, eu vou sair daqui vou dançar lá, lá no Kolping”, nesse nível aí, eu me dou muito bem com o presidente lá do Kolping. A gente tem um contato muito bom, quando faz festa aqui, convida eles lá. Não só ele, mas como o transatlântico também. O transatlântico é um degrau mais acima do que nós, né? Lá o pessoal tudo meio... né? Mas eu não tenho, eu não tenho nenhuma dificuldade de conversar com eles. O presidente deles vem visitar a gente quando fazemos festa, nós recebemos convites seguidos para ir lá. As escolas alemãs, o Humboldt, esse é complicado, esse é difícil, é meio..., depende da diretoria, a diretoria atual não quer conversa com ninguém, já temos um [...] um trabalho muito junto ao colégio é [...] é... Benjamin Constant, aí da Vila Mariana. Nossa! Esses toda hora estão aqui, a gente chama eles, eles vêm. A criançada dança tal, os pais vêm. Então as crianças que têm aqui nas nossas festas são, vem de lá por que nós não temos mais crianças está tudo velho. [...] Mas eles fazem umas festas muito bonitas lá também. Tem contato muito bom, o colégio Visconde de Porto Seguro, também, a gente se dá muito bem com eles. Eles se apresentam a, nós temos concertos matinais aos domingos, então a orquestra deles vem toca aqui, se apresenta aqui é muito bonito (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Essas instituições na sua origem eram estritamente alemãs, não aceitavam pessoas que não tivessem descendência alemã, assim nos afirma Günther Hufnagel: “Antigamente era só, era só alemão, praticamente eram só alemães”, porém com a gradativa diminuição da presença da comunidade alemã nessas instituições, para sobreviverem, começaram a aceitar pessoas que não eram ligadas à comunidade alemã, assim nos explica Carlos Busch:

Em matéria de associações com os, com ligação com os alemães, nós estamos, vamos falar assim morrendo. Por quê? Primeiro porque nós não tivemos nenhuma onda migratória mais forte desde sessenta. Desde a guerra fria, então é, o que aconteceu? Houve mais ida de brasileiro, com descendência alemã para a Alemanha, do que de alemães vindo para o Brasil. Então hoje, do nosso quadro associativo, eu tenho, acho que dez por cento são alemães, setenta por cento é brasileiro, e eu tenho vinte por cento que é essa mistura dessa descendência. Então hoje o quadro de associação alemã é bem diferente de, da década de setenta, ou de cinquenta que era basicamente eram alemães. Na própria história do Kolping é assim. Já começou para reunir os imigrantes hoje a gente se reúne pra, com a parte associativa, lá trás, com piscina, alguma coisa dessa forma para você poder ter os sócios. Se não fosse isso, o Kolping já tinha morrido, não é? (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Assim como o Kolping, a Lyra também enfrenta problemas financeiros para manter a associação:

Para sobreviver, a gente aluga o salão [risos], senão não sobrevive. Porque nós pagamos cinquenta reais por mês, isso aí com [...] dos oitenta, a gente fala que tem cem sócios, mas não tem nada. Dos oitenta sócios, [...] oitenta por cento só que paga, então não dá pra viver disso. A despesa é alta. Nossa despesa fixa aqui gira em torno de catorze, quinze mil reais por mês. Isso tem que entrar. Por onde vai entrar? Não sei. Até agora, a gente está sobrevivendo (risos). Você tem a secretária, você tem a luz, tem água, você tem... imposto a gente conseguiu escapar, tem o advogado, tem é... (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

A Lyra tem um número pequeno de sócios e uma despesa alta, as atividades da associação são voltadas para tentar manter as portas abertas, porém a Lyra não dispõe de atrativos que tragam muitos sócios e isso inviabiliza a manutenção do espaço, por conta disso Helmuth Stapf deseja colocar na diretoria da associação pessoas mais jovens que possam reverter a situação.

Dessa forma, as duas associações conseguiram sobreviver ao século XX e entrar no século XXI, porém, atualmente, vivem com problemas para sobreviver. Vimos pelos nossos entrevistados que o público das associações já é de idade avançada e que a necessidade de renovação é latente. No próximo capítulo, iremos discutir o elemento cultural que reúne essa comunidade, a língua alemã.

2. EU FALO ALEMÃO, LOGO EXISTO!

Quem me salvou, quem me ajudou na minha vida [...] foi eu
falar o alemão.

(Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Neste capítulo, teremos a dimensão da importância da língua para a comunidade alemã. Analisamos de que forma ela mantém as associações e como é importante para a formação da identidade e no sentimento de pertencimento ao grupo. Também tratamos da perseguição sofrida por essa comunidade durante a Segunda Guerra Mundial e como isso afetou o uso da língua no cotidiano. Além disso, analisamos a questão da vida profissional desses depoentes e como ele está ligada a empresas alemãs. Apoiamo-nos nos relatos dos entrevistados e na documentação pública para fundamentar a análise.

2.1 A língua alemã: “minha casa, minha pátria”

É inegável que viver fora do seu país de origem é um desafio. Dessa forma, o indivíduo se apegue a tudo aquilo que remeta a sua cultura, e o elemento cultural mais forte nesse sentido é a língua. Em torno dela, vários outros elementos culturais são revelados, ela é responsável por aproximar as pessoas, identificá-las e estabelecer a comunicação da cultura (HALL, 2005).

Entre os membros das associações alemãs, a preocupação com a língua é bastante evidente. Ela é o motivo principal para o surgimento e manutenção desses espaços comunitários. As pessoas fundadoras dessas instituições os fizeram para aproximar aqueles que falam o alemão e desejam praticar a língua. Durante a pesquisa, observamos que não importa se essas pessoas não vêm da Alemanha, mas, se elas falam alemão, serão bem recebidas e inseridas na associação, passando a fazer parte da comunidade e mesmo não sendo de nacionalidade alemã, passam a ser identificadas com esse grupo. Segundo Hall (2005), isso são “*identidades culturais* – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (p. 8).

A noção de identidade do povo germânico é diferente daquela que se está acostumada a ver em outros povos. Entendemos a relação de identidade como algo ligado a ascendência, por exemplo: ser filho de um imigrante húngaro lhe dá o direito de conseguir as duas

cidadanias, brasileira e húngara. Contudo, na Alemanha, isso se configura de forma diferente. Se o indivíduo fala a língua alemã e conhece os traços culturais de lá, é acolhido como cidadão alemão, mesmo que tenha nascido fora do país.

Na maioria das vezes, o sentimento de pertencimento a uma identidade étnica é definido a partir de elementos como a língua falada no âmbito das relações familiares, os hábitos e outros costumes, os estereótipos associados à condição étnica, além de outros fatores (GREGORY, 2013, p. 22).

Historicamente, o Império Alemão, no século XIX, incentivou a formação de colônias nas regiões mais afastadas do império. Pessoas vindas da Romênia, Hungria, Iugoslávia e outros países do leste europeu participaram de associações alemãs no Brasil pelo fato de falarem a mesma língua⁵.

A importância da manifestação da língua no ambiente familiar também é evidente quando observamos famílias em que os pais são imigrantes, entretanto, conforme se passam as gerações, essa obrigatoriedade da língua foi sendo flexibilizada e muitos descendentes atualmente não aprendem ou praticam a língua alemã em seu cotidiano.

Carlos Busch, atualmente com 50 anos, é a segunda geração de alemães no Brasil. Para ele, não houve a obrigatoriedade de aprender a língua alemã no período em que seu pai esteve vivo:

Meu pai, de pais alemães, ele se sentia muito forçado em fazer coisas que a mãe dele mandava, e ele prometeu que os filhos dele, não iam ser assim, que eles iam criar o seu caminho e escolher que língua falar, que rumo tomar. Então ele acabou, não vou falar relaxando, mas ele não queria nada forçado. Uma curiosidade, minha mãe teve que aprender a falar alemão para poder namorá-lo, senão a minha avó não ia deixar namorar. Então teve que aprender alemão para poder namorá-lo, essas coisas que deixam ele muito marcado. Então a gente começou a parte educacional a gente foi pra esse colégio brasileiro que não tinha nenhuma *raiz*⁶ [alemã], não tinha nada. A nossa única ligação que a gente tinha com a língua alemã era a igreja, mas mesmo assim muito pouco, porque meu pai foi primeiro pastor a fazer culto em português, na Igreja Luterana. Então a gente acabou não tendo essa relação de língua até o falecimento dele [...] (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Damos atenção ao uso da palavra “raiz” na fala de Carlos Busch. A utilização dessa palavra revela bem a forma como ele pensa a questão da cultura alemã ao abordar o tema da educação, ou seja, a escola que ele considera mais apropriada para que frequentasse era uma ligada à comunidade alemã.

⁵ JOCHEM, Toni. *Homenagem aos Imigrantes*, 15 mar. 2010. Disponível em: <http://www.tonijochem.com.br/imigrantes_alemaes.htm>. Acesso em 15 dez.2013.

⁶ Grifo nosso.

Outro exemplo da não obrigatoriedade de aprender o alemão formalmente se deu na família de Günther Hufnagel. Ele não chegou a aprender a escrever bem a língua alemã e também relata sua dificuldade em falar alemão:

Não sei escrever e ler corretamente, mas eu entendo tudo e falo também normalmente. Para escrever que é duro. Mas a gente vai quebrando o galho, o que eu preciso falar em 10 palavras, eu falo em 20 porque eu dou a volta (risos) (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Para outros, falar a língua alemã em casa era algo natural. Horst Graetz conta que a língua falada em sua casa era o alemão, e o português servia apenas para ser usado fora de casa. O mesmo exemplo contou Helmuth Stapf, que também aprendeu o alemão em casa, sem ter frequentado uma escola alemã oficial, ou seja, alfabetizou-se por conta na língua:

Eu lia, eu aprendi ler o alemão porque, quando eu morava no sítio, lá em Goiás, eu estava estudando português, mas eu queria ler, eu não tinha, não tinha leitura, eu ganhava livro, eu não tinha nada, e meu pai assinava um jornal alemão. Então, esse jornal alemão, quando chegava, eu lia ele de cabo a rabo em alemão, embora eu não soubesse ler muito bem, mas eu estava aprendendo o português, então, como falava alemão, eu começava a ler em voz alta. Não que eu quisesse aprender. Eu tinha o costume de sentar e ficar lendo em voz alta, e eu sei o quanto isso me ajudou! Então eu aprendi ler alemão. E meu pai tinha uns livros bem antigos ainda que eram aquele alemão, um alemão diferente, me fugiu o nome agora, não é a letra latina não, ela é, é bem rabiscada [...] Gótica, exatamente! O alemão gótico. [...] Li tudo! E aprendi ler aquilo lá, eu não sei escrever o gótico, eu não sei escrever, mas ler eu não tinha dificuldade nenhuma. E alemão também não tenho problema nenhum. Tanto é que eu estou lendo o livro em alemão, eu gosto de ler alemão do que em português, porque a tradução para o português a gente sente que não é muito boa. Quando é um autor brasileiro, é gostoso de ler, mas, quando você tem tradução, é raramente, você consegue ter uma tradução boa. E, aí, eu li os livros alemães que são de autores alemães, ou do inglês para o alemão que é uma tradução sempre muito bem feita (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

A formação das associações também está ligada, além da língua, à união da comunidade em torno de um mesmo espaço para que seus membros possam se amparar nas dificuldades, proporcionar momentos de lazer e estabelecer o sentimento de pertencimento ao lugar de forma que o indivíduo pudesse se reconhecer como agente social, perceber o seu lugar e a sua importância para a associação, sentir-se seguro (BAUMAN, 2003). O espaço da comunidade se assemelha ao ventre, como se fosse um pedaço da pátria-mãe ainda que longe dela. Ali tudo é bom: conflitos podem ser resolvidos, e a segurança permite que o indivíduo relaxe e se sinta protegido dos outros por uma ajuda mútua.

Além da língua, a cultura alemã como um todo é muito significativa para esse grupo, e isso fica muito evidente quando observamos as entrevistas:

Aí, minha mãe, numa dessas, minha mãe veio de Goiás e viu a gente lá e é, por isso, que eu acho que a mãe é uma coisa impressionante. E ela conviveu com a gente lá uns dias, na, na nosso quarto, aí, ela falou: ‘o que vocês fazem no domingo?’ A gente vai, lá, tal e patati patata. Ela falou: ‘é, mas eu não, eu não criei meus filhos para ficarem agora no meio do nada! Vocês têm uma cultura atrás de vocês, vocês têm que avançar. Agora nesse meio que vocês estão vivendo! Sem chance!’ E agora você faz uma ideia do que que era! Aí, começa minha participação na colônia alemã (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

A fala da mãe de Helmuth evidenciou essa relação com a cultura ao dizer para ele e seus irmãos: “vocês têm uma cultura atrás de vocês!”, ou seja, ela desejava que os seus filhos utilizassem o tempo livre deles com a comunidade alemã.

A língua alemã tem flexões nas pronúncias das palavras, mas, nas escolas, ensina-se o alemão formal conhecido como Hochdeutsch (alemão clássico), mas, nas entrevistas, essa forma da língua alemã ganha uma notoriedade:

[...] minha mãe, embora ela saiu, saiu da Europa com treze anos, mas ela tinha uma formação muito boa, uma escola muito, muito excepcional. E, uma letra bonita, ela falava um alemão *perfeito*⁷, tanto é que eu falo o alemão clássico, eu não falo [...], não falo alemão regional não (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Percebemos que o uso da palavra *perfeito* é intencional, pois, ao longo da entrevista, Helmuth mostra um certo orgulho em viajar para a Alemanha e não ser percebido como brasileiro ou de alguma região alemã, isso evidencia o imaginário dele sobre o que é ser alemão, pois, segundo Baczko (1985), no momento da exposição de eventos da vida, o entrevistado revela as suas opiniões, anseios e expectativas. Helmuth constrói sua identidade, marca uma posição social diferente dos outros: não é brasileiro nem alemão proveniente de regiões cuja manutenção da tradição se faz conservadoramente.

Quem fala o alemão perfeito se posiciona em um grupo social intelectualizado e escolarizado, que se distingue das tradições ruralistas, conservadoras e tradicionais que se mantêm pelas culturas populares. Esse imaginário Helmuth aciona para construir sua própria identidade alemã.

Assim, não podemos falar de sujeito, sem falar de língua, está inserida nas práticas sociais nos modos como os processos de subjetivação se produzem. Segundo as reflexões do autor, as formas de subjetivação dos sujeitos se dão pela dimensão histórica e ideológica, dado que o sujeito não é detentor e origem do seu discurso, mas é atravessado e constituído, posicionando-se a partir de redes discursivas. Para tanto, o sentido não está preso e fixo às palavras, como se fosse apenas um e dele derivassem outros, antes os sentidos são determinados sócio-historicamente (GAELZER, 2013, p. 129).

⁷ Grifo nosso.

Dessa forma, a língua é uma forma de subjetivação de pertencimento. Posicionar-se como alguém que fala o alemão perfeito favorece a imersão em um determinado grupo.

2.2 A ameaça: repressão à cultura germânica nas décadas 1930-1940

Neste subcapítulo, iremos abordar como a repressão política e cultural na década de 1930 afetou a comunidade alemã, forçada a transformar as suas práticas cotidianas para se manter viva durante esse período.

Em 1930, após um golpe que pôs fim à República Oligárquica, Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil, iniciando uma ditadura de caráter forte e nacionalista. Seu governo foi marcado por profundas mudanças econômicas e sociais. Nesse período, iniciou-se uma busca pela construção da nacionalidade. Diversas ações foram realizadas com o intuito de garantir o “abrasileiramento”, ou seja, ações que fomentassem o nacionalismo, e o principal foco dessas ações eram os estrangeiros (FAUSTO, 1997).

Desde o final do século XIX e início do XX, a questão da construção da identidade brasileira vem sendo debatida pela intelectualidade da época, esses intelectuais eram provenientes das famílias oligárquicas decadentes que desejavam manter o seu *status quo*; por conta disso, foram levadas a entrar para os serviços públicos oferecidos pelo Estado. Foram as ideias dessa intelectualidade que auxiliaram no processo de formação da uma noção de Estado forte e de cunho nacionalista, pois, dessa maneira, eles teriam os seus lugares de elite preservados (CARNEIRO, 2002, p. 265).

Trazendo toda a literatura para auxiliar na “recuperação da nacionalidade”, essa elite oligárquica apontava elementos estrangeiros (como antiliberalismo e anticomunismo) e o fortalecimento do Estado como base teórica para a formação do projeto nacionalista (PERAZZO, 1999, p. 41), mas, para alguns intelectuais, havia uma repulsa à utilização de ideias estrangeiras; esses desejavam criar uma independência ideológica.

O comunismo era visto como uma ameaça constante à integridade da Nação brasileira e símbolo do estrangeiro, uma vez que as ideias comunistas eram relacionadas ao ambiente fabril dos grandes centros urbanos, em especial São Paulo. Para essa elite intelectual, o Estado seria o agente da construção da nacionalidade, mas, para isso, deveria ser forte, intervencionista, responsável pela determinação da ordem social, regulador das relações de trabalho e sociais (DIETRICH, 2007).

De acordo com Priscila F. Perazzo (1999), o intelectual Cassiano Ricardo fazia parte dos ideólogos responsáveis por pensar a formação do Estado Nacional. Ele também discutia a

questão do estrangeiro e expressava certo horror no que diz respeito ao “inimigo externo”, visto como ameaçador por trazer a contradição social e a oposição de classes, o que, para Ricardo, não havia até então. Dessa forma, era necessário se fechar para a “infecção ideológica”, assim

A presença do estrangeiro e, principalmente, daquele que não havia promovido uma interação com a sociedade brasileira, mantendo-se fechado em suas colônias, preservando seus hábitos, costumes, língua e ideias políticas, passou a ser extremamente perigosa, pois colocava em risco a construção da brasilidade empreendida pelo Estado Nacionalista (PERAZZO, 1999, p. 42).

Com o Golpe de 1937, dado por Vargas, o projeto nacionalista ganhou contornos mais claros. O regime autoritário era mais firme, intervencionista e cerceava os direitos democráticos da Nação. O nacionalismo estimulado pelo Estado Novo “buscava a identidade nacional a partir dos aspectos da cultura brasileira, atrelados à ideia de um nacionalismo político pautado na noção de unitarismo e autoritário” (PERAZZO, 1999, p. 42).

Podemos afirmar que, entre 1930 e 1937, havia uma certa “indefinição ideológica”, pois ainda não havia uma definição clara do projeto político; assim, ideias liberais, conservadoras, comunistas, fascistas e integralistas circulavam com conjuntamente e seus adeptos possuíam uma certa liberdade de ação, pelo menos aqueles que estavam ligados ao conservadorismo cristão e do Estado centralizador (FAUSTO, 1997, p.151).

Durante a década de 1930, mais especificamente em 1933, o governo começou a criar instrumentos de repressão voltados principalmente aos operários, pois eram identificados como comunistas. Após os operários, o governo varguista dirigiu os seus aparelhos repressores para todo aquele que fosse contrário ao projeto político nacionalista, ou seja, todo aquele que desviasse o desenvolvimento da identidade nacional (DIETRICH, 2007, p. 36-37).

Segundo essa orientação, o estrangeiro se apresentava como a nova ameaça a essa construção, devendo assim, ser “abrasileirado”, sendo perseguido caso não o fizesse, pois:

O imigrante, identificado como elemento estrangeiro que não pretendia “abrasileirar-se”, acabava por significar uma peça de entrave nas engrenagens do projeto nacionalista do Estado. A comunidade alemã no Brasil, tanto urbana como rural, representava justamente tal entrave. Grupo numeroso e “enclausurado”, não só insistia em preservar seus hábitos e costumes tradicionais como também mantinham organizações políticas cuja ideologia seguia as orientações diretas do governo alemão (PERAZZO, 1999, p. 43)

A partir de 1938, preocupado com essas questões, o governo estado-novista iniciou um processo drástico de “abrasileiramento” ou “nacionalização” dos estrangeiros. Assim foi

elaborado um rol de decretos denominados “leis nacionalizadoras”, que incidiram diretamente sobre a comunidade alemã no Brasil, e seus reflexos foram sentidos nas associações.

Com isso, foi sendo introduzido na mentalidade coletiva brasileira que o estrangeiro era uma ameaça, principalmente, no contexto da Segunda Guerra Mundial, época em que essas ideologias foram exploradas de forma mais intensa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Igreja Luterana, na qual o pai de Horst fora pastor, foi acusada de manter uma antena de rádio para espionar o Brasil e ter notícias da Alemanha, apesar disso Teodoro Koele afastou as acusações. Para que isso fosse possível, a igreja foi revistada, e a polícia deu especial atenção à torre do sino, já que a suspeita maior vinha de lá (Horst Graetz, 11/04/2013, HiperMemo/USCS).

A Associação Católica Kolping teve as suas portas fechadas, segundo Günther Hufnagel, o Kolping fora fechado pelo exército durante a guerra, e seu nome foi alterado Katholischer Gesellenverein para Associação Católica Kolping, além de ter que empossar um presidente de nacionalidade brasileira para caracterizar que o clube era brasileiro e não alemão. Essas exigências eram feitas pelo governo federal, pois havia vários decretos-lei que obrigavam as instituições estrangeiras a se nacionalizarem; caso não cumprissem a norma, seriam fechadas. Dessa forma, o Kolping obedeceu à lei e conseguiu voltar a funcionar. Muitas outras instituições estrangeiras passaram pelo que o Kolping passou e tiveram os seus nomes mudados e brasileiros empossados nas diretorias para caracterizar a nacionalização da instituição:

Na segunda guerra mundial, nós, (pigarreu) papai era o presidente e, o clube foi fechado. Foi fechado, nós tivemos os portões fechado, não podia fazer nada. Mas depois que reabriu, que normalizou tudo abrimos de novo. E, era o nome antigo Katholischer Gesellenverein é o nome traduzindo agora, é “jovens católicos” e, hoje em dia, é Associação Católica Kolping. Pronto! Nós tivemos que fazer essa mudança, porque, senão, nós íamos perder isso aqui. [...] o governo ia nos sacar tudo. Então nós tivemos que fazer a mudança. E nós tivemos um presidente na época, também era colega nosso jogando, jogando bola, nós pusemos o nome dele como presidente para ser clube brasileiro (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

A Lyra também foi alvo de observação por parte do governo brasileiro. Em pesquisa nos fundos DEOPS/SP, observamos que a Lyra foi declarada uma associação nazista⁸. Nas entrevistas, os seus membros afirmaram que existia uma primeira sede da associação no Bairro da Liberdade na capital paulista, mas que fora tomada pelo governo:

⁸ *Comunicado dos Investigadores n° 773*. São Paulo, 23/08/1939. Prontuário n° 5.405, nome: “Nazismo”. DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Porque enfrentou duas guerras, porque você sendo estrangeiro, num país que, no qual você está em guerra não é fácil. E tanto é que nós perdemos nossas, nossa, nosso, nossa sede na rua São Joaquim, hoje vale 12 milhões lá, e nós tínhamos, ficamos a ver navios, não vamos recuperar nunca [...]. O governo brasileiro tomou aquilo, não devolve [...] (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Situações como estas também evidenciam o que os brasileiros pensavam sobre os alemães durante o conflito. O simples fato de duas pessoas conversarem em alemão poderia implicar na prisão delas, ou mesmo o medo de que esses alemães incitassem revoltas na cidade.

“Durante o período da guerra, poderia ser considerado subversivo tanto um agitador comunista quanto um cidadão comum acusado por falar uma língua estrangeira” (DIETRICH, 2007, p.36-37). Carlos Busch, ao falar de seus avós durante a Segunda Guerra Mundial, conta:

Ah! Os meus avós, durante o período da guerra, de quarenta até quarenta e cinco, eles ficaram em prisão domiciliar. Eles não podiam sair de casa, os meus avós, mas os filhos podiam para ir para escola porque eles eram brasileiros. Então eles iam para a escola tudo, mas eles não podiam sair, então o exército dava comida, dava toda assistência, mas era prisão domiciliar. Ficaram quatro anos e meio em prisão domiciliar [...]. Devido serem alemães, e ele (o avô) ser Pastor de uma igreja alemã. Isso, na época, se achava que podia ser um ponto, se você deixasse um alemão solto, poderia ser um motivo de se criar uma guerra ou um princípio de ... sei lá ..., revolução dentro daquela cidade, não é!? Então muita gente se recolheu, então eles foram presos (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Durante o governo Vargas, houve uma preocupação com a valorização dos elementos culturais nacionais e, dessa forma, realizou-se um grande investimento na educação nos estados a fim de que esses valores fossem passados, no entanto havia escolas estrangeiras em grande parte dos estados brasileiros, e, no caso dessa pesquisa, essas escolas foram forçadas a se nacionalizarem, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As escolas que eram da nacionalidade dos países do Eixo foram vigiadas e, muitas vezes, sofriam a intervenção do governo federal.

Além disso, ainda durante a guerra, a comunicação em língua estrangeira era muito mal vista, pois acreditava-se que poderiam ser espiões, mas também a aversão ao alemão na década de 1930 e 1940 provocava agitações, apedrejamento de lojas e casas. Nesse período, o estrangeiro dependia de documento que permitisse o seu trânsito em território nacional, chamava-se *Salvo-Conduto*, ou seja, todas essas medidas cerceavam as práticas cotidianas de alemães no Brasil (DIETRICH, 2007, p. 37).

Ainda sobre a questão do falar a língua estrangeira no país, o pai de Günther Hufnagel foi preso por ser flagrado falando em alemão com os filhos no parque, pois:

No tempo da guerra, houve uma época, que a gente não podia falar alemão, então eu nunca me esqueço, os meus pais, uma vez, foram para o Horto Florestal. E nós estávamos caminhando, passeando lá, brincando, nós eramos tudo garotinhos e apareceu um cara e falou assim: “Vocês tão falando alemão, estão presos!” Isso aconteceu! Meu pai foi, acho, que duas vezes preso porque falou alemão. Ele não sabia falar direito o português. Falava alemão, já prendem. Só que nós tínhamos uma conhecida, da polícia, então quando telefonavam já saía logo, não ficava preso. Mas nós passamos uns apertos sim (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Essa situação vivida por Günther demonstra bem a forma que os aparatos repressivos da década de 1940 impediam a conversação de pessoas que não falassem o português. Tais proibições inibiram a comunidade alemã, proibida de falar o alemão abertamente. A suspeita recaía sobre essas associações fazendo com que elas se fechassem cada vez mais. O Colégio Visconde de Porto Seguro viveu uma intervenção federal pesada que forçou uma mudança na prática cotidiana da escola.

O Colégio Visconde de Porto Seguro foi “fichado” pela polícia política de São Paulo. Acreditava-se que essa escola queria transformar-se num pedaço da Alemanha no Brasil. Assim, instaurou-se um inquérito para o afastamento de professores alemães. A partir do Decreto-Lei nº 868, de 18 de novembro de 1938, foi estabelecido que fossem nacionalizados integralmente o ensino primário de todos os núcleos de origem estrangeira (DIETRICH, 2007). Entre 1938 e 1943, outros decretos-lei restringiram a difusão de valores estrangeiros. Dessa forma, o governo federal também interviu na escola com o objetivo de nacionalizar o ensino, acreditavam que a escola agia contra os “interesses nacionais” havendo assim uma “discrepância no movimento nacionalista” empreendido pela polícia. Parte do corpo diretor e docente da escola foi indiciada. Como resultado, a polícia iniciou um processo de “abrasileiramento completo”, apreendeu filmes com legendas alemãs, traçou um mapeamento do colégio concluindo que havia três cursos: primário, secundário e de extensão. O corpo docente era composto de 35 professores, sendo 25 brasileiros, 9 alemães e 1 romeno (DIETRICH, 2007). Carlos Busch também conta essa história:

A minha sogra, por exemplo, que estudou no Porto Seguro nessa época, eles não podiam estudar alemão, porque foi nessa época também que o Colégio Porto Seguro mudou de nome, ele era chamado de *Deutsche schule* e mudou para Colégio Visconde de Porto Seguro e aí mudou de nome e não podia lecionar alemão. Então, muitas vezes eles se encontravam no porão do colégio para poder conversar com os amigos em alemão e não perder a língua. Uma coisa, um detalhe interessante só retomado isso aí depois da guerra. Aí depois que tiveram todo o trabalho de trazer professor e tudo mais (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Assim que a comunidade alemã foi observada e perseguida pelos agentes repressivos do governo Vargas, a fim de manter a segurança nacional devido à inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

É importante observar os impactos dessas proibições durante o Estado Novo, pois, para sobreviverem, essas associações, escolas, clubes e outros se esforçaram. Tiveram os seus nomes alterados, diretores brasileiros empossados e algumas ainda acabaram fechando em função dessa perseguição política. Tais intervenções autoritárias geraram traumas a essa comunidade. Nas visitas que fizemos às associações não se conversou em alemão e há certa restrição quanto a fotografar os espaços das associações. Todo esse “mal estar” fez com que essa comunidade se modificasse muito. Apesar disso, sempre estiveram atentos para manter as tradições, pois é isso que faz com que essa comunidade permaneça.

2.3 Trabalho e emprego para quem fala alemão

Quase todos os entrevistados trabalharam em empresas alemãs e fizeram as suas carreiras por lá. Um dos exemplos é a vida profissional de Günther Hufnagel, que trabalhou na empresa Karmann Guia, que é de origem alemã, como gerente de relações industriais:

[...] Gerente de Relações Industriais. [...] Como é que era? Era puxado, meu!!! (risos) Não era, foi uma época que eu tinha muito pique! Mais eu, a gente já diminuiu, mas era uma época boa! Eu comecei na Karmann Ghia quando nós começamos a fazer o Karmann Ghia, foi logo no começo, logo no começo eu entrei, eu fui acho que o quinto ou sexto funcionário lá (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

No momento em que o Brasil abrigava esse tipo de indústria, o principal diferencial das pessoas entrevistadas era o fato de elas possuírem o conhecimento de língua alemã e portuguesa, e isso fez com que grande parte delas conseguisse emprego que demandasse esse conhecimento, já que o domínio dessas duas línguas era um fator importante na decisão de contratação das indústrias.

Mesmo no âmbito profissional eram formadas comunidades alemãs (BAUMAN, 2003), pois, aos interesses dos gerentes dessas empresas, contratar pessoas que pertenciam à comunidade alemã era melhor, já que essas pessoas tinham o domínio da língua estrangeira, e elas atingiam cargos mais elevados muito mais rápido do que aqueles que não dominassem a língua.

Dessa forma, as empresas alemãs serviram como espaço para a resistência à perseguição que a comunidade sofria pelos órgãos estatais. Esses empregados descendentes

de alemães formavam a sua comunidade dentro das fábricas onde o aparato repressivo não conseguia agir de forma eficaz.

A esposa de Carlos Busch, segundo ele, estudou no Colégio Porto Seguro, depois fez faculdade de Pedagogia e voltou para trabalhar no colégio onde está até hoje, foi alguém que não se vinculou ao trabalho nas indústrias, como ele mesmo nos conta:

Então ela estudou no Porto Seguro até a oitava série, depois ela saiu e foi fazer colégio normal no Estela Maris. É..., ela sempre queria ser professora, então ela começou a fazer o curso Normal. Fez o curso Normal, começou a trabalhar no Porto Seguro. Só que, quando ela começou a trabalhar no Porto Seguro, ela conseguiu entrar na USP, em pedagogia, aí, um ano, ela parou para fazer o primeiro ano de pedagogia, que era diurno. Então ela não conseguia trabalhar. No segundo ano, ela conseguiu voltar para o Porto Seguro em 87 e começou a trabalhar lá no Porto Seguro e estudar à noite pedagogia. Então, ela é pedagoga formada agora, com último estágio em alemão e ela dá aula, sempre deu aula pro currículo alemão, no colégio Porto Seguro. Então ela sempre, tanto aula de alemão que ela deu uma boa época como hoje, ela dá aula de polivalência, que é matemática, português, história geografia e ciências pros a ale, que tem língua materna alemã do currículo alemão (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Essas empresas fomentam a organização de uma comunidade alemã no seu interior para facilitarem o trato entre o corpo diretivo e os funcionários. Exemplo disso é a contratação de Helmuth Stapf na empresa de rolamentos Schaeffler:

[...] entendia para o gasto, dizer que era o expert não era não. E aí ele falou: 'Não você vem trabalhar aqui'. Para você ter uma ideia eu ganhava, na... MWM na época 24 e qualquer coisa era cruzeiro, era não sei nem quanto era. Ele falou: 'Vou te pagar 30 cruzeiros por hora'. Bom, era um bom aumento. Eu falei: 'Deixa eu pensar um pouquinho'. Aí passou mais uns tempo, eu voltei lá na MWM. medo ainda também de sair da firma e num... falei: 'Não, não venho não'. Ele veio com novo recado, vou te pagar 35. Aí eu balancei, falei: 'então eu venho'. Vou ganhar... Fui lá na, MWM. aí a MWM. falou: 'Não, não, não deixo você sair não, vou te pagar 40 reais, 40 cruzeiros' na época ou coisa assim. De 35... Eu tava ganhando 24 fui pra 40! Ah! Falei, então já vou ficar aqui mesmo. Já dei recado aqui para rolamentos Schaeffler que não venho. Ele mandou chamar de novo, falou: 'Você vai trabalhar aqui!' Eu não esqueço nunca, o que ele falou, eu não era escravo, 'Vou te comprar! Você vai trabalhar aqui, vou te pagar 50 cruzeiros', na época. Dobrou meu salário. Sem sair do lugar, os cara dobraram meu salário. Eu falei: 'Nossa Senhora!' Aí eu voltei lá e pedia a conta de novo. Aí, ficaram muito brabo comigo, né? Claro! Como eu ficava brabo, quando eu fui chefe também, né? Aí, eu vim trabalhar aqui na rolamentos e foi a maior escola da minha vida, porque ele era um alemão, era o chefe, ele sabia de tudo e conhecia... era na ferramentaria [...] (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

A disputa pela contratação de Helmuth não se deu apenas pelo seu saber técnico, mas por ser filho de alemães e conhecer a língua. Para essas empresas, contratar pessoas que soubessem falar alemão era algo fundamental.

Elfriede Schmidt chegou ao Brasil sem saber falar o português, e seus empregos foram ligados à comunidade alemã, primeiramente no Hospital Oswaldo Cruz e posteriormente como secretária bilíngue na empresa Hoechst do Brasil, empresa do ramo químico/farmacêutico alemã. Hoje trabalha como professora de alemão em Sorocaba, interior de São Paulo, onde reside.

Horst Graetz também teve a sua trajetória profissional ligada a empresas alemãs estabelecidas no Brasil. Embora tenha se formado em Filosofia e Psicologia, optou por trabalhar em empresas automobilísticas devido às condições financeiras da época. Trabalhou na Volkswagen do Brasil e na Mercedes-Benz na Alemanha e, no Brasil, aposentou-se, mas ainda realiza trabalhos de tradução.

Dessa forma, podemos observar que a formação de comunidades não se dá apenas nos momentos de lazer. Os entrevistados demonstraram que se sentem pertencentes às empresas que os contrataram já que eram alemãs, pois conheciam a forma como se estruturavam, estavam adaptados a essas estruturas por estarem ligados à cultura alemã.

3. MEIOS E MEDIAÇÕES DE COMUNICAÇÃO

Tá muito difícil, a divulgação é um problema ENORME!

(Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Toda comunidade tem a necessidade de se comunicar com os seus membros. A comunidade alemã não é diferente. Para isso, ela se utiliza de alguns meios como jornais, circulares e murais, mas, à medida que avançamos no século XXI e com as inovações tecnológicas, essas comunidades sentiram a necessidade de se adaptarem a essa nova exigência, transformando suas formas de comunicar suas atividades e manter vivas as práticas comunitárias.

Neste capítulo, iremos abordar como essa comunicação entre as associações estudadas e a comunidade gera o sentimento de identidade e de pertencimento; além disso, abordamos também como essas transformações modificaram os instrumentos mais tradicionais utilizados ainda hoje e as inovações incorporadas.

3.1 Jornais Impressos e mediação da cultura

Tanto no Clube Kolping como na Sociedade Filarmônica Lyra, observamos que é distribuído gratuitamente e semanalmente, às quartas, um jornal de língua alemã, chamado *Deutsche Zeitung*. Este periódico é editado desde 1897, em São Paulo, hoje com sede na Rua Marquês de Itu, 95, 8º andar⁹. Seu editor, Dr. Egon Von Weidenbach, tem como objetivo levar à comunidade de língua alemã no Brasil as notícias, escritas em alemão, sobre o Brasil e a Alemanha.

⁹ Disponível em: <<http://www.press-guide.com/brazil.htm>>. Acesso em 22. jan.2014.



Capa do jornal Deutsche Zeitung, São Paulo, edição 1894, abril de 2013.

Também era distribuído gratuitamente o *Brasil-Post*, outro jornal em língua alemã, com notícias do Brasil. Foi lançado em 1950 e tinha como seu principal público-alvo a população alemã do sul do Brasil. Na década de 1990, o número de leitores no estado de São Paulo aumentou muito, levando o jornal a priorizar esse público. Situado na Avenida Senador Casemiro da Rocha, 701, em São Paulo, o jornal tem como objetivo, segundo os seus editores Ursula e Klaus Dormien¹⁰, servir como porta-voz para os alemães no Brasil, trazendo notícias da Alemanha assim como do Brasil também. Esse jornal é editado uma vez por semana, sempre às sextas-feiras.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.press-guide.com/brazil.htm>>. Acesso em 22. jan. 2014.



Capa do jornal Brasil-Post, São Paulo, edição 3198, 24 de agosto de 2012.

Esses dois jornais representam o que restou de mídia tradicional impressa na comunidade alemã. São periódicos que trazem matérias escritas em alemão e que são de interesse da comunidade. Neles, também há a divulgação de empresas ligadas à comunidade, geralmente empresas alemãs ou de descendentes aqui no Brasil, além também de promover as associações culturais alemãs da cidade de São Paulo. Dessa forma, a Lyra e o Kolping têm espaço de divulgação nesses jornais, porém, nas entrevistas realizadas, os depoentes não expressaram interesse pelo jornal. Em conversas, eles nos relataram que o jornal não é lido por muitas pessoas e que a divulgação feita por ele não é eficaz.

As opiniões sobre os jornais *Deutsche Zeitung* e *Brasil-Post* mostram bem como eles estão inseridos no contexto das associações. Carlos Busch relata:

“[...] sim, ele é um jornal que sai uma vez por mês, nós tínhamos até o ano passado dois jornais: o *Deutsche Zeitung* e o *Brasil-Post* que era um semanal, mas, por custos de manter esse jornal, ele foi fechado. A gente até usava mais o *Brasil-Post* porque era uma coisa mais atual, semanal. Diferente deste que tem que é mensal e de uma formatação que te cansa, quando você começa a ler uma matéria por ter muita escrita e não ter o domínio da língua acaba que te cansando e desiste” (São Paulo, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Ao longo da pesquisa, observamos que o uso do jornal impresso não é muito frequente nas associações estudadas. Um dos motivos disso é a baixa demanda de leitores, já que a maioria não busca esse tipo de veículo de comunicação. Decorrente disso, não se imprimem muitos exemplares, e os poucos que existem não se encontram em lugares fixos e de fácil acesso.

O jornal não atinge um grande número de leitores nas associações. A eficácia em divulgar as atividades das associações por esse meio é discutível. O *Deutsche Zeitung* publica informativos sobre as atividades das associações culturais alemãs em São Paulo, como afirma Helmuth Stapf: “a gente publica num jornal alemão, que ninguém lê. E também no *Brasil-Post* que fechou ano passado. Sai no *Deutsche Zeitung*, mas é muito difícil para a divulgação, é um problema enorme” (05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Além disso, algumas informações contidas no jornal estão dispostas no mural também e, no caso da Lyra, os sócios ainda recebem a circular (ANEXOS 4, 5, 6 e 7). Segundo as observações que fizemos, a estratégia da utilização da circular é mais eficaz do que a publicação no jornal. Considerando ainda que essa circular também pode ser recebida via *e-mail* se torna uma estratégia ainda mais acertada para a divulgação das atividades da associação.

Além disso, a língua é um traço marcante na comunidade, pois é através dela que os membros se sentem pertencentes. Segundo Valdir Gregory:

Pode-se afirmar que alguns dos elementos de preservação e difusão da língua e da cultura alemãs por parte dos imigrantes e descendentes alemães, referem-se à escola comunitária, à imprensa, à ênfase no associativismo, na organização das comunidades religiosas, entre outros (GREGORY, 2013, p. 23).

Por conta disso, ler jornais, livros e revistas na língua alemã é fundamental para manter o sentimento de pertencimento à comunidade alemã, pois uma vez que se “perde a língua”, ou seja, deixa-se de falá-la fluentemente, abre-se a possibilidade de esquecê-la; para os entrevistados, é como perder a identidade (HALL, 2005).

A leitura de jornais em alemão parece cumprir um importante papel na manutenção da língua, para atualizar-se das notícias da Alemanha, no entanto há uma preocupação maior com os acontecimentos do estado de São Paulo, como pode-se observar na narrativa de Elfriede Schmidt:

Em português, eu leio o jornalzinho local de Sorocaba. Tinha dois o *Brasil-Post*, mas, depois de não sei quantas décadas, foi tirado [...] e o *Deutsche Zeitung*, mas o Helmuth dá para o meu marido, mas se não a gente lê o local porque o que interessa para nós é o que aconteceu perto de nós (Elfriede Schmidt, 26/09/2013, HiperMemo/USCS)

Segundo Mauro Wilton (2006), entendemos a ação social como parte da comunidade, participar ativamente da comunidade gera pertencimento, assim como observamos no relato de Elfriede. Para ela, ter notícias através do jornal de Sorocaba, de certa forma, a liga à cidade. Quando Elfriede afirma que “o que interessa para nós é o que aconteceu perto de nós”, demonstra como o sentimento de pertencimento está ligado ao local em que se vive também (BAUMAN, 2003), pois é nesse espaço em que ela estabeleceu os seus laços duradouros de sua vida como casar, ter filhos, realizar-se profissionalmente, a Orquestra de Bandolins, ou seja, os acontecimentos locais tem uma dimensão maior no seu cotidiano do que as mudanças no cotidiano da Alemanha.

Muitos dos entrevistados liam obras em alemão, o que nos mostra como a questão da língua é muito importante para a cultura alemã:

[...] e alemão também não tenho problema nenhum. Tanto é que eu tô estou lendo o livro em alemão, eu gosto de ler alemão do que em português, por que a tradução para o português a gente sente que não é muito boa. Quando é um autor brasileiro, é gostoso de ler mas, quando você tem tradução é raramente você consegue ter uma tradução boa. E, aí eu li os livros alemães que são de autores alemães, ou do inglês para o alemão que é uma tradução sempre muito bem feita (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Vemos que a leitura de textos em alemão é uma forma utilizada pelos entrevistados de manter a língua viva, de manter a ligação com o país de origem de seus pais, enfim, de se sentir pertencente a essa cultura (BARBERO, 2003).

Nas duas associações, existe, logo na entrada, uma mesa grande com muitos livros expostos e uma pequena caixa sempre ao lado. Esses livros são na maioria de língua alemã e estão lá para serem vendidos. São usados, alguns desatualizados, mas todos custam o mesmo valor de um real. A quantia é baixa, pois o que se pretende é que o sócio compre o livro e o leia, para ao final, colocá-lo à venda novamente. Esses livros expostos são doados pelos sócios a fim de manter a leitura como uma prática na comunidade, como nos explica Güther Hufnagel:

[...] aquilo lá são livros que quem quiser levar, pode levar, paga um real e pode escolher o livro que quer. Porque tem muita gente que trás os livros e já leu e não precisa mais, então deixa aí (...) são livros bons, tem em alemão e tem em português também (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Durante as entrevistas, também foi perguntado sobre os canais de TV a que eles assistem, e, em suas respostas, observamos que muitos deles têm, ou tiveram, canais de

emissoras alemãs, a que assistem para verem as notícias da Alemanha e da Europa e também para exercitar o entendimento da língua alemã:

[...] eu assisto pela internet (canal alemão), eu uso o canal da internet, o site, primeiro para me manter atualizado com as notícias de lá e segundo para praticar o meu entendimento alemão um pouco. [...] eu estou querendo contratar vários canais em alemão para continuar isso, acho interessante, você trabalhar a língua não na forma de você falar, mas sim para entender (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Mas nem todos mantêm canais desse tipo: Günther Hufnagel conta que tinha um canal em alemão, mas há dois meses trocou a antena e não tem mais acesso a esse canal (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Outro assunto recorrente nas entrevistas é a necessidade de renovação dos associados, pois, além de serem instituições antigas, por terem sido fundadas no início do século XX, muitos dos associados são filhos de alemães nascidos no Brasil. Os mais novos ou deixaram o Brasil para viver na Alemanha, ou não estão ligados a outras instituições culturais, porque muitos deles não tiveram as mesmas práticas culturais de seus antecessores. Também não podemos nos esquecer de que vivemos relações sociais diferentes daquelas que os entrevistados estudados vivenciaram. Assim, o público mais jovem tem outros anseios, e as duas instituições Kolping e Lyra precisam se adaptar ao momento histórico em que vivemos. Dessa forma, faz-se necessária uma divulgação direcionada para trazer novos associados, mesmo que não tenham qualquer relação com as práticas culturais alemãs.

No Kolping, existem atributos de lazer como a piscina e a academia que conseguem atrair associados; já na Lyra não existem esses atrativos, tornando a aquisição de novos sócios muito difícil, pois o que a Lyra pode oferecer são atividades culturais, mas já possuem ofertas desse tipo no bairro, assim restringindo a receita financeira da Lyra apenas ao aluguel dos salões para festas e eventos.

Dessa forma, para conseguir mais sócios, as duas associações devem mudar a forma como fazem a divulgação de suas atividades. Para isso, devem utilizar os meios de comunicação contemporâneos como, por exemplo, a *internet*.

3.2 O desafio da inovação: como existir no mundo das novas tecnologias

Neste subcapítulo, tratamos as mudanças feitas pelas duas associações estudadas para atrair novos sócios e comunicar as atividades aos que já são. Analisamos as práticas tradicionais e como elas foram modificadas para atender às novas tecnologias.

Carlos Busch, além de presidente do Kolping, é coordenador do grupo de dança folclórica Edelweiss. O grupo também divulga atividades do clube, tanto nas apresentações que realizam, como também na página no *Facebook*. Apesar dessa divulgação, é necessário utilizar outros meios de comunicação, como explica Carlos Busch:

[...] para participar, a gente acaba divulgando nas apresentações, dizendo: quem quer participar procure um dos integrantes. E o boca a boca com cartãozinho, não existe uma divulgação de um jornal ou um informativo, a gente usa muito o vínculo do Kolping ou informativo do Kolping pra fazer isso. Agora o grupo mesmo já tem 34 anos, já tem uma história dentro da cidade. Eu não preciso mais fazer propaganda do grupo para ter apresentações, mas eu sempre preciso fazer propaganda para trazer mais gente, isso é normal. Nós temos um *site*, e a gente tenta *facebook*, essas coisas que eu não sei mexer ainda, mas vou aprender (risos), mas a gente tem todos esses canais que a gente tenta vincular (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Ou seja, a divulgação do Edelweiss (grupo de dança) tem por finalidade conseguir mais adeptos para participar dos ensaios e não para conseguir apresentações. Isso está diretamente ligado à dificuldade das associações se renovarem, pois, como não se associam outras pessoas para participar das atividades que o clube propõe, também faltam pessoas para compor o grupo de dança, que hoje já tem muitos bailarinos que não têm qualquer vínculo com a cultura alemã.

As estratégias para a divulgação das atividades dessas instituições são variadas, por exemplo, como nos explica Helmuth Stapf:

[...] E temos a nossa circular que sai todo mês, nela tem todos os eventos que acontecem aqui e também a palavra do presidente [...] e também vem pela internet, mas quem não tem internet vai pelo correio, sai em português e alemão. Tem *site* também e até *facebook*, todos esses eventos são registrados (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Além do *site*, o diretor do Kolping também manifestou desejo de criar uma página no *Facebook*, embora ainda estejam aprendendo como farão para utilizar essa ferramenta. Como não estão presentes na internet na forma de *homepage*, o Kolping, assim como a Lyra, publica as suas atividades no *Deutsche Zeitung*, jornal impresso, e colocam em um mural na entrada do clube, juntamente com as informações sobre as atividades que serão realizadas no mês.

No entanto, a divulgação pelos jornais na visão de Busch não é eficaz, sendo necessárias outras estratégias de divulgação, porém nem todos conseguem ter uma ampla utilização dos meios de comunicação. Carlos Busch nos relata essa dificuldade:

[...] a gente até agora não fez *site* porque, como a gente comercializa os salões para poder manter o clube, pelas leis da internet, você está caracterizando comércio e aí sai fora do contrato social do Kolping que eu não posso comercializar, mas a internet entende como comercializar, aí eu

fico com esse problema político, mas estou querendo achar um jeito de fazer isso aí (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Já na Lyra, as divulgações são feitas, na internet, através do *Facebook*, como vemos:

[...] você pode entrar no *facebook* da Lyra, você vai ver, esses eventos todos são registrados lá, porque a nossa diretora social, ela, ela que faz. Ela se dedica bastante e olha, ela faz bem feito. E ela é tradutora juramentada, então ela faz português muito claro, um alemão muito bonito também. Eu faço a minha palavra do presidente, eu faço sempre em português, e ela traduz para o alemão (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Ou seja, além da publicação no jornal de língua alemã, também há a divulgação de uma circular, que se assemelha muito a um panfleto, que é enviado pela internet, via *e-mail* em versão eletrônica ou na versão impressa, também um *site* e uma página no *Facebook*.

Eles contam com uma tradutora. Dessa forma, as divulgações são feitas nas duas línguas, algo não constatado nos relatos dos diretores do clube Kolping. Este clube, por razões legais, não consegue fazer divulgações na rede mundial de computadores por meio de *web sites* e *Facebook*, assim dependendo apenas das divulgações feitas pelos jornais *Deutsche Zeitung* e *Brasil-Post*, isso torna mais difícil aquisição de novos sócios.

Portanto, a internet é vista pelos entrevistados como uma forma inovadora de comunicação (divulgação e notícia sobre as associações). No entanto, o que se vê é que transformaram os mesmos meios impressos, como boletins, circulares e folders, em formatos eletrônicos. A circular informativa é um exemplo disso. Ao transformá-la em objeto eletrônico, resignificaram uma estratégia antiga. Mesmo não havendo uma significativa reestruturação do veículo, a circular via *e-mail* passou a ser uma nova forma de comunicar as atividades da Lyra e um esforço da associação em se adaptar às novas tecnologias, mesmo que de forma muito simples e incipiente diante das estratégias de comunicação existentes hoje para as organizações. Disponibilizar um *site*¹¹ e fazer parte da rede *Facebook*¹² também demonstram esse esforço de comunicação para divulgar a associação e fazer circular suas notícias, esforçando-se para se adaptarem às novas exigências da contemporaneidade.

¹¹ Disponível em: <<http://www.lyra.org.br/>> acesso em 22. Jan.2014.

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Sociedade-Filarmonica-Lyra/169377656453479?fref=ts>> acesso em 22. Jan.2014.

4. VIVÊNCIAS CULTURAIS E RELATOS DE PRÁTICAS

“À noite, a gente sentava lá, e minha mãe tocava violão e cantava; meu pai tocava violão também, todos nós cantávamos, os outros irmãos tocavam bandolim.”

(Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar a forma como as práticas cotidianas comunicam a cultura e como esse processo se relaciona com os nossos entrevistados.

Buscamos identificar as estratégias de sobrevivência cultural das pessoas com relação à manutenção de seus hábitos, costumes e práticas cotidianas que podem ser expressas e preservadas nas ações comunitárias dessas associações, uma vez que elas existem há muito tempo e cumprem importante papel na comunidade alemã em São Paulo.

4.1 Vivências Escolares

Havia uma preocupação em garantir aos filhos uma educação voltada para a cultura alemã, principalmente, pela questão da língua, embora outros aspectos culturais como folclore e história também fossem interessantes para essas famílias. Esse aspecto da cultura alemã ficou muito evidente nas entrevistas. Para eles, a educação era extremamente necessária, mesmo que não houvesse plenas condições para isso. Assim, é presente nos relatos dos entrevistados tanto suas experiências como seus valores acerca da importância da escola e da educação alemã.

Como a educação cumpre um importante papel na comunidade, as escolas alemãs são vistas como referência na aquisição da língua e das tradições. Uma dessas tradições alemãs que observamos ser trazida pelo ambiente escolar é a rigidez, ou seja, para essa comunidade, as escolas seriam boas se fossem rígidas e o Colégio Porto Seguro é citado como nos relatos sempre como um baluarte da educação alemã na comunidade. Carlos Busch e Günther Hufnagel estudaram nessa escola e em suas entrevistas manifestam seus valores com relação ao ensino.

Sobre a rigidez educacional, Günther Hufnagel relata que:

Eles eram muito bonzinhos (os professores). É, sistema alemão, Porto Seguro, você faz uma ideia de como é que é, ou você faz direito ou não faz. Então nós temos que obedecer, e a gente obedecia. Tínhamos uma

professora, a Leila, ela gostava muito de... antigamente podia dar tapa né, não obedecia PÁ! [onomatopeia referente ao som do tapa] e nós sempre brincávamos, ela punha cinco ou seis, do número um ao cinco e todo mundo ficava assim [mão estendida para frente]: responda, não sei, responda, respondeu, aquele que não sabia levava reguada, rapaz!! O fulano estudava porque senão, era reguada na mão e eles desciam a régua mesmo viu, mas foi tudo bem graças a Deus, educação correta nós tivemos (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Podemos observar que o professor bonzinho se remete aquele que obedece à educação rígida e estimulada pelo do castigo físico. A valorização que se atribui a formação escolar é evidente ao associar-se rigidez, boa educação e violência.

Nascida em setembro de 1878, o Colégio Visconde de Porto Seguro nasceu do movimento de escolas alemãs que foram sendo formadas nas diversas colônias alemãs no sul do Brasil e também no interior de São Paulo. Seu primeiro endereço foi na Rua Florêncio de Abreu onde ficaram até 1913, quando mudaram para a Rua Olinda em um prédio construído pela escola para abrigar às novas necessidades de alunos. Durante a Segunda Guerra Mundial, a escola sofreu perseguições por parte do Estado Ditatorial de Vargas, mas manteve as suas atividades durante esse período. Em 1947 há uma troca na direção geral da escola e assume o professor Hamilcar Turelli, nesse período a escola deu um salto em qualidade se tornando “uma escola brasileira com o ensino do idioma alemão” (DONATO, 2003), essas mudanças trouxeram diversos prêmios na área da educação para a escola afirmando o seu caráter de “baluarte” do ensino da língua alemã em São Paulo.

Helmuth Stapf morou em regiões muito afastadas dos centros urbanos, o que dificultava o seu acesso aos estudos. Não teve a mesma oportunidade de Carlos Busch, Günther Hufnagel de estudar no Colégio Porto Seguro, ou como Günther Hufnagel que estudou no Colégio Humboldt¹³, no entanto as comunidades alemãs do interior também se responsabilizavam por garantir uma boa escolaridade aos seus jovens. Foi assim que seu avô formou uma pequena escola alemã na colônia em que viviam no interior de São Paulo, próximo à cidade de Indiana. Como professor e valendo-se de alguns materiais que possuía, dava aulas da língua alemã às crianças da colônia, porém, com a Segunda Guerra Mundial, os agentes do governo fecharam a escola. Ainda assim, ele continuou a estudar em casa, com a ajuda da mãe.

¹³ O Colégio Humboldt nasceu em 1916 no Bairro de Santo Amaro em São Paulo, a escola surgiu com o intuito de educar os seus filhos na língua e nos costumes alemães. Durante a Primeira Guerra Mundial a escola foi fechada e sendo reaberta em 1921. Durante a Segunda Guerra Mundial a escola foi fechada novamente, os bens foram confiscados pelo governo. Em 1955 os bens foram devolvidos e as atividades escolares iniciaram-se em 1957. A escola detém um espaço consolidado na comunidade alemã da zona sul de São Paulo, graças ao seu serviço de formação dos alunos na língua alemã.

Assim vemos:

A escola que tinha era só uma escola alemã. Era meus, meu avô que dava aula. Em casa, né? Escola brasileira não tinha, eu já estava na idade de ser alfabetizado também, eu fui nessa escolinha com meu avô, uma ou duas vezes, não sei quantas vezes, e daí estourou a guerra. Eu nasci em 38, e, em quarenta e dois e quarenta e quatro, o Brasil já tava em guerra com a Alemanha. Aí o governo foi lá e fechou todas as escolas, fechou, tirou todo o material do meu avô, num podia mais dá aula que ele dava em alemão, era o que ele sabia! Aí fecharam a escola, mas também não fizeram escola brasileira, quer dizer, era, era o sistema, então é para nascer ignorante mesmo (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

. Além da importância da língua, a educação em escolas alemãs tinha por finalidade aproximar cada vez mais os filhos dos descendentes alemães da cultura alemã, a fim de estreitar os laços e manter os costumes de seus pais no país para onde migraram.

Outros, por diversas dificuldades econômicas e sociais, passavam apenas pelo ciclo básico em escolas alemãs:

Ah! Minha vida escolar! Eu estudei, o primeiro colégio que eu estudei quando era criança foi o Santo Adalberto, era na Conselheiro Crispiniano onde é hoje, o,o, como é que vou falar, a polícia, o quartel, era um colégio, colégio de freiras. Então eu estudei lá, e depois de lá eu fui para o colégio, eu fui para o Porto Seguro e depois eu fui para o Piratininga onde eu me formei contador. E só! (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

A preocupação com os estudos se dava com o ensino básico. Poucos tiveram oportunidade de ter acesso ao ensino superior, e um dos motivos era a dificuldade em concluir os estudos. Outro fator a ser considerado era a falta de incentivo em casa. Dos cinco entrevistados apenas dois tiveram o ensino superior completo: Horst Graetz e Carlos Busch. O primeiro formou-se em Filosofia e Psicologia (em uma época que na USP o curso de filosofia era junto com psicologia conseguindo o diploma dos dois ao final da graduação) e o segundo em Engenharia.

Carlos Busch precisou de ajuda econômica para cursar engenharia:

Não foi nem bolsa, foi um acordo com o pai de um amigo meu. Um grande amigo meu até hoje. É... ele me pagou a faculdade e ...por intermédio da Nordon, ele era superintendente da Nordon cervejaria e... aí ele, a Nordon dava benefícios se você ajudasse alguém nos estudos, então você..., se você pagasse estudo não tinha que pagar tanto imposto e aí foi nessa que eu entrei. Ele me convidou, aí ele me pagou a faculdade, mas eu sempre tive um acordo com ele, que, quando eu tivesse a condição, eu faria a mesma coisa com alguém. E é o que eu estou fazendo agora com rapazinho do grupo que eu estou ajudando a pagar a faculdade. Então, a gente... é um ciclo. Assim como eu estou ajudando agora, ele também vai ajudar alguém lá na frente. Não espero nada de volta. É sempre para frente, então foi nesse acordo que eu fiz a faculdade. Pelo menos deu certo até agora (risos) (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Não era fácil ter acesso ao ensino superior e, ainda assim, não necessariamente o indivíduo exerceria a função. Horst não chegou a exercer a função de psicólogo ou filósofo. Após o término da graduação, foi trabalhar na Volkswagen. Com a sua ida para a Alemanha trabalhou na Mercedes-Benz, emprego este que manteve após voltar ao Brasil. Sua vida profissional foi na indústria automobilística.

Tendo em vista essas questões, podemos compreender que a questão da educação sempre foi muito importante para essa comunidade de língua alemã, pois a escola é também produtora de cultura. Ela é o instrumento oficial o qual têm o contato com o idioma, não só apenas de forma oral, mas escrita também. Para as famílias dos entrevistados, chegar ao ensino superior não era a prioridade, mas ter o contato, básico, com a língua alemã sim e, para atingir esse objetivo, essas famílias estavam dispostas a fazer sacrifícios, muitas vezes financeiros ou até mesmo assumir o ensino básico de seus filhos.

4.2 Relatos de Práticas

Neste subcapítulo, abordamos como as práticas cotidianas dos entrevistados mantêm a cultura alemã, como a vivência diária comunica a cultura através de simples costumes que acabam por fazer parte da vida dessas pessoas e constituindo as suas identidades.

As relações que Busch foi estabelecendo durante a sua vida em função de ter cultivado os costumes alemães, sobretudo após a morte de seu pai, levaram-no a escolher escolas alemãs para estudar e depois a Associação Católica Kolping como seu espaço de lazer:

Isso foi em oitenta e seis. Eu tinha já, eu estava, eu estava no meio da faculdade de engenharia. Aí por contingência econômica, porque a gente não tinha dinheiro para sair, e, tudo contadinho, tudo mais, então eu acabei, não deixando as amizades de lado, como eu te falei, a gente sempre tem os vínculos, mas acabei indo para o outro lado onde, pelo menos, eu podia me divertir, mas com pouca grana (risos) e assim foi que eu conheci o grupo de dança, em oitenta e seis. Aí o grupo de dança te dava essas, é, é.... vamos falar assim, você se divertia dançando, e as pessoas que estavam naquele meio também, entendiam. Eram pessoas todas de mesma classe social, vamos falar assim, então dava para você manter as diversões em nível legal (risos) (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

A escolha do Kolping esteve ligada à sua difícil condição financeira, em um primeiro instante, mas a dimensão cultural também foi um importante fator para essa escolha, assim como o grupo de dança.

Os grupos de danças folclóricas alemãs são uma tradição na Alemanha. Surgiram como uma forma de favorecer o convívio no campo após as tarefas diárias, além da finalidade

de diversão dos grupos. Após o final da Segunda Guerra Mundial, houve um esforço para reunir e revitalizar os conhecimentos relativos à dança, na Alemanha. Foi feita uma pesquisa com as pessoas de mais idade para resgatar os passos e os elementos de cada dança¹⁴. Com essas informações, foram criados centros onde se mantém essa documentação e também regras a serem seguidas quanto a roupas, movimentos e comportamento dos integrantes do grupo quando estão com os trajes.

No Brasil, a importância da dança como manutenção da cultura alemã se estendeu pelo país por conta do enorme número de descendentes que vivem aqui, principalmente no sul do país, porém essa dança, para que possua uma estrutura que seja considerada folclórica, precisa ser dançada há algum tempo e necessita de um registro dos passos segundo a música, e todo esse registro é feito na Alemanha, entretanto o Brasil também faz esses registros. Como coordenador do grupo de dança folclórica alemã Edelweiss, Carlos Busch nos explicou de forma detalhada essa estrutura:

O alemão, como, como todo o bem certinho alemão, não existe nada, para eles que seja inventado. Quer dizer, existe. Mas eles consideram dança folclórica uma dança que esteja registrada e que tenha pelo menos dez anos ou uma geração que aquela dança foi feita. Isso pra eles começa a se tornar dança folclórica. Então tem a ver um pouco com história, mas também tem a ver um pouco com perpetuação quer dizer a gente só consegue caracterizar uma dança folclórica uma vez que está registrada e tem uma geração que passou. Então tem muita dança, que nem danças ligadas à profissão, por exemplo. Profissão do teatro, profissão...é, fazedor de vinho, do amassar vinho, de amassar uva, do tear, da máquina de tear que passa e faz, então tem um monte de, de, de, situações da primavera, dança do cuco, tem a dança do... da... Nossa! tem tanta que a gente até se perde! Um monte de dança! Mas todas elas têm registro [...]. E lá está escrito, dentro da música como é que você tem que executar os passos; então essa é o primeiro registro que você tem das danças. É, você começa, então não tem nada que seja, vamos falar assim, seja inventado, existe uma coisa interpretada, e aí, em cima da interpretação, você faz as danças folclóricas (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Para a organização desses grupos de dança, é necessária uma pesquisa muito apurada, desde os trajes até os passos da dança. Tudo deve ser pesquisado e estudado pelos coordenadores. Um exemplo disso é a organização dos trajes do grupo Edelweiss descrito por Carlos Busch:

Sim, aí depende de cada grupo de cada região. Nós, aqui em São Paulo, nosso grupo, a gente acabou decidindo em usar uma calça de couro, uma calça que todo mundo conhece por causa da propaganda que o americano fez em relação ao alemão. Quando você fala em alemão e vem do pós-guerra, qual que é a figura que vem? O carinha da boina verde, a calça de couro com

¹⁴ DANÇAS apresentadas pelo Rheinland. **Rheinland Pfalz's Weblog**, 19 ago.2008. Disponível em: < <http://rheinlandpfalz.wordpress.com/2008/08/19/dancas-apresentadas-pelo-rheinland/>>. Acesso em 15 dez.2013.

suspensório, então é essa, a característica dos alemães aqui em São Paulo, então a gente optou por essa linha. Já no Sul, depende muito do fundador da cidade então, por exemplo, Blumenau, vamos falar de Blumenau, Blumenau o fundador veio de uma região específica da Alemanha, então muitos grupos lá fizeram traje característico daquela região. É, só que lá existe uma outra coisa favorável para eles: a prefeitura, muitas vezes, ajuda o grupo de dança, financia o grupo de dança em matéria de traje, então tem dois costureiros no sul que só fazem isso. Eles só fazem trajes folclóricos para os grupos de dança. O cara se especializou nisso. E aí sim ele também faz toda uma pesquisa, de traje, ser o mais próximo possível que nem da Alemanha. Então acaba sendo um trabalho de pesquisa dele, do costureiro, e do grupo de dança é uma coisa [...]. E o traje que a gente fez é um traje que não tem nada a ver com a calça de couro, mas que tem a ver tudo com essa ilha, então foi um trabalho de pesquisa que a gente desenvolveu, para chegar no traje (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Podemos constatar na fala do entrevistado que o imaginário acerca do que é ser alemão está presente, principalmente quando ele diz: “alemão, como todo bem certinho alemão, não existe nada inventado”, pois mostra que ser alemão é ser certinho, é possuir o registro, é não inventar danças. Em suas narrativas, os entrevistados constroem seu próprio imaginário social acerca do que é ser alemão: rigidez na educação de seus filhos, a ordem daquilo que eles consideram certo nada fora dos padrões, a racionalidade, enfim todos esses elementos do imaginário são destacados pelos entrevistados.

É importante salientar que a arte e a dança folclórica são fundamentais para a manutenção dos aspectos culturais alemães. Eles servem de motivo para a formação de grupos, por comunicar a cultura, uma vez que os trajes são pesquisados para remeter a uma determinada região alemã. Os passos dessas danças remetem a elementos profissionais, as músicas ensinam a cozinhar ou a fazer determinado trabalho. Enfim esses dois elementos culturais são importantes para transmitir a cultura para os seus descendentes e para aqueles que não estão ligados à comunidade alemã.

Durante as entrevistas, podemos observar que há frequência de pessoas que não possuem relação com a cultura alemã, mas que participam de atividades culturais dessas associações, principalmente quando lançamos o olhar para o grupo de dança Edelweiss. Carlos Busch, coordenador desse grupo, explica-nos como faz para manter a unidade do grupo:

Olha, eu vou te falar, a maior [dificuldade] é você lidar com as pessoas... Não é o trabalhar a língua alemã, não é o trabalhar o traje, não é o trabalhar, é você trabalhar o grupo. Eu acho que isso em qualquer convívio, de empresa, ou de amigos, a coisa que você mais precisa é trabalhar as pessoas. Então, muitas vezes, eu falo pra Mônica [sua esposa], que eu não tive filhos, mas muitos jovens que passaram pelo grupo de dança e me consideram um pai, porque eu ajudei a ser criado, eu dei uma direção, a gente ajudou a estudar alguma coisa. Eu e ela. E aí, a gente acabou trabalhando isso. Eu

tive um caso curioso, por exemplo, de um senhor mais velho do que eu, 3 anos mais velho do que eu, e que tava numa situação de vida muito ruim e nós ajudamos ele com coisas simples assim de dar, ele era quiroprático, então eu ajudei ele a alugar uma sala, dar apoio moral. Ele me ligava no dia dos pais, me desejando feliz dia dos pais. Então, a gente acabou trabalhando mais essa parte no grupo de dança, pra manter o grupo como ele é hoje, mais a figura do paizão. Fazer eventos juntos, a gente foi pra Alemanha agora com 12 do grupo de dança, mas eles não foram pelo dançar, a gente foi para conhecer a Alemanha. Então foi até um trabalho legal porque a gente levava eles pros lugares e falava: olha só, pessoal, aqui a gente dança tal e tal dança olha! Eles viram um tear e, o barulho do tear, eles conseguiram identificar o barulho do tear com o barulho da dança. Sabe, então essas coisas que são legais que só não vendo e dando mais valor pra aquilo que eles têm no grupo de dança. Hoje, eu trabalho muito a amizade dentro do grupo de dança, é o que eu mais trabalho, é o que eu mais me preocupo, chega até ser meio doentio, mas é só dessa forma que você consegue trazer as pessoas e fazer eventos que você tem que fazer (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Esses grupos de dança espalhados pelo Brasil contribuem para manter algumas manifestações culturais alemãs. Segundo Carlos Busch: “Só no Brasil, nós somos mais de quatrocentos. Só no Sul, são trezentos ou mais de trezentos. Blumenau são vinte e cinco”. Mas esses grupos de dança não têm auxílio do governo ou do consulado para realizarem as suas atividades, pelo menos em São Paulo, como nos explica Carlos Busch:

[...] eu vou te falar assim: não existe. É por força do patrocínio próprio do grupo, não existe uma ajuda de prefeitura, não existe uma ajuda de governo, nem do consulado. O consulado, o máximo que faz com você, é te deixar uma indicação, [...] mas não espere nas grandes cidades uma ajuda tão boa, que nem no sul, [...]. Então você imagina se cada traje, de cada pessoa custa de setecentos a mil e quinhentos reais, e são feitos quarenta trajes, então olha o custo que o cara tem de ajuda da prefeitura, nós não temos nenhuma, aqui é na raça. Como todos, [...] na verdade todas nacionalidades aqui não temos ajuda nenhuma, por isso acaba sendo uma força tarefa dos grupos ou de quem quer ajudar a patrocinar [...]. E a gente conversando, a gente chegou a conclusão que o máximo que eles podem fazer é nos entregar o Ibirapuera para fazer uma festa de um dia, mas só. Não adianta nada só receber um salão e não ter propaganda, ajuda disso, daquilo, né? Então fica inviável, a gente participa das festas do memorial do imigrante, festa do imigrante que acontece em junho, [...] é cobrado ingresso mas, os grupos que se apresentam não ganham nada! Então fica difícil você trabalhar dessa forma cada um tem uma posição, é complicado; no Sul é legal, porque aí você tem ajuda[...] (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Podemos constatar que, segundo Carlos Busch, a falta de apoio da Prefeitura de São Paulo impossibilita um número maior de apresentações do grupo pela cidade. Ele considera que essa falta de incentivo não ocorre somente com a comunidade alemã, mas também com outras comunidades de descendentes estrangeiros que sofrem com os mesmos problemas. Em outras cidades, principalmente no Sul do Brasil, as equipes de dança folclóricas alemã têm

incentivo de suas prefeituras: “Mas não espere nas grandes cidades uma ajuda tão boa ou tão, que nem no sul, no sul uma cidadezinha pequenininha é patrocinada cem pelo, por cento pela prefeitura [...]” (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS). Assim, os grupos de danças folclóricas alemãs sobrevivem em São Paulo de pequenas apresentações em festas privadas e festivais.

Outro aspecto do cotidiano alemão era se reunir à noite e cantar músicas alemãs. Essa tradição tem por finalidade estimular a língua e trazer elementos culturais para serem incorporados desde a infância.

Quando morávamos em Goiás, na roça, contei antes, à noite, a gente sentava lá e minha mãe tocava violão, cantava, meu pai tocava violão também, todos nós cantamos, os outros irmãos tocavam bandolim. A gente, toda à noite se encontrava sentava lá fora. O céu de Goiás é muito lindo. É calor! Então a gente sentava lá fora e fazia música. Não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha luz elétrica, não tinha nada. Então eu aprendi muitas músicas alemãs antigas. Coisas que, num, ninguém, os alemão de hoje não conhecem mais. A maioria nem conhece mais, os lá da Alemanha também. (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Podemos perceber que a música se apresenta como algo que aproximava o convívio familiar, além também de oferecer divertimento após um longo dia de trabalho no campo. É elemento cultural explorado para fomentar a manutenção dos laços culturais que uma família tem, desde músicas de ninar até outras tocadas em festas. Durante essa pesquisa observamos que a música está presente nas memórias dos entrevistados ou, até mesmo, nas suas vidas cotidianas, como no caso de Helmuth e Elfriede que são músicos, mas, em outras entrevistas, como a de Carlos Busch, constatamos que algumas músicas cantadas durante a sua infância ainda são cantadas nas escolas ou pelos pais dos alunos.

Dessa forma, a música se apresenta como um importante elemento que mantém a cultura como identidade alemã: uma estratégia para alimentar e garantir o pertencimento.

A mãe de Helmuth procurou uma amiga que vivia em São Paulo para que os seus filhos, juntamente com as filhas da sua amiga, começassem a tocar bandolins. Assim:

As três meninas tocavam, faziam música Tocavam bandolim, violi.. bandolim. E uma tocava violão. Aí, ela (a mãe), um dia, ela falou para nós três: ‘domingo à tarde, agora, nós vamos visitar a tia.’ E lá vai, nós três, com minha mãe. E chegamos lá, no dia dois de outubro de 1956. Sentamos lá, as três moças eram bem mais saídas. Nós vínhamos de Goiás, era matuto que só. Aí, elas fizeram música junto com minha mãe, que já tocava violão, aí tinha uns bandolins lá: “Vocês vão tocar também”, meus dois irmãos tocavam. Tocavam por ouvido, não tocava por nota, aí meio sem jeito, tocaram um pouquinho. Aí, uma delas, que você conhece (Elfriede Schmidt), pôs o bandolim no meu colo “você vai tocar também”. Falei: ‘[resmungo] você está ficando doida! Eu vou tocar bandolim! Nunca na vida!’ Ela até hoje ela tira o sarro de mim, diz quando se lembra de mim, da cara que eu fiz

quando puseram o instrumento no meu colo, porque eu não tocava [...] vem aqui uma vez por semana, nós vamos te ensinar partitura, notas e tudo mais, [...]. Éramos os três irmãos e as três irmãs, e elas passaram a nos ensinar partitura da nota e me ensinaram um instrumento também. Dia 2 de outubro de 1956 que nasceu a Orquestra de Bandolins (...) (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Pelo relato de Helmuth sobre o surgimento da Orquestra de Bandolins de São Paulo, percebeu-se a força que a cultura alemã exerce sobre os seus descendentes, que acaba por manter as práticas culturais, provocando o sentimento de pertencimento graças à música, sendo esta, juntamente com a cultura, o principal agente nesse processo (HALL, 2005).

Graças à formação da Orquestra de Bandolins de São Paulo, Helmuth Stapf passou a participar das atividades da comunidade alemã. Observamos, a partir da sua entrevista, que havia vários grupos ligados à cultura alemã, por exemplo: Juventude Luterana e a Sociedade Cultural 25 de Julho. A primeira ligada à religião que, segundo Helmuth e Elfriede, promovia aulas de música e de dança. Havia também uma companhia de teatro e leituras de trechos da bíblia. Já a segunda não mantinha ligação com a religião ou qualquer ligação evidente com a política:

[...] e lá era cultural, então eu passei a ir lá e me entrosar com os jovens e aí tinha muita literatura. Quando alguém fazia uma viagem, naquele tempo, quando ele voltava, ele fazia uma exposição sobre a viagem que ele fez! Contando, só contando já era um negócio! Ou, então, ficava: “próxima reunião nós vamos falar sobre esse livro aqui.” Então você levava o livro, lia e, na próxima vez, você contava a história do livro, assim resumindo, tal. Se cantava muito, se fazia muita música, se acampava, íamos para praia, se fazia festa de natal, [...] aí foi dentro do espírito alemão mesmo, eram bem alemães. (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

A partir das atividades realizadas pela Sociedade Cultural 25 de Julho percebemos outros grupos interligados às comunidades alemãs do Brasil. Este nome foi inspirado na data da primeira cidade formada pelos colonos alemães que chegaram ao Brasil em 1824 e formaram a cidade de São Leopoldo. Um dos elementos mais interessantes dessa associação é o seu lema: “*Em memória de nossos pais, para nos ensinar, para o nosso ensinamento, para o bem da nossa Pátria Brasil*”. Helmuth Stapf afirma que é necessário honrar a cultura de “nossos país” (ou seja, a cultura alemã) e usá-la para melhorar a cultura do país em que vivemos (o Brasil).

Um dos grupos que se mantêm por muito tempo na Lyra é a Orquestra de Bandolins. Ensaíam há mais de trinta anos, mesmo não sendo oficialmente uma atividade da associação, no entanto o envolvimento dos dois é tão grande que um se confunde com o outro, pois o presidente da Lyra, Helmuth Stapf, é um dos músicos da Orquestra:

[...] e é esse o porquê que eu estou hoje na Lyra. A minha esposa, ela cantava na Lyra, ela cantava, ela fazia teatro, ela dançava, ela participava da Lyra cem por cento. Eu não! Eu não participava nada da Lyra era sócio, mas sem participação. Aí, quando ela faleceu, eu fiquei afastado da Lyra muito tempo, né, eu nem vinha aqui e...[...] Eu vim aqui por causa de um daqueles jovens que eu conheci na sociedade 25 de julho, foi meu melhor amigo, ele me ensinou muita coisa, era um gaúcho, e éramos da mesma idade e ele faleceu alguns anos atrás, do coração, eu aprendi demais com ele, era um camarada sensacional, e a mãe dele dizia o seguinte: ‘Você é meu segundo, você é meu filho, porque você era o melhor amigo do meu filho e você vai continuar sendo meu filho’. Ela já tinha perdido a filha, o filho, o marido, tava sozinha. E ela era presidente da Lyra. Aí, chegamos um dia, e ela falou: ‘Você... eu estou precisando de um vice-presidente lá na Lyra.’ [...] Eu vou ser vice-presidente lá na Lyra? ‘ Eu não conheço nem a Lyra, sou sócio, mas eu não vou lá. Não participo.’ E, daí ela insistiu tanto, faz seis anos que eu me candidatei junto com ela para ser vice. Muito contragosto. Eu não queria. Fiz mais para agradar ela. [...] No meio do mandato, ela ficou doente, tal, eu já tive que assumir. Aí terminou aquele mandato, aí eu tive que me eleger presidente uma vez, duas vezes, e está terminando o mandato agora. Estou cinco anos na presidência aqui da Lyra (Helmuth Stapf, 05/09/2013, HiperMemo/USCS).

Dessa forma, podemos perceber que a música e a dança persistem enquanto elementos que comunicam a cultura e para os entrevistados significa a sua identidade. Esses dois aspectos fazem com que eles se sintam parte da comunidade alemã e membros da Lyra e do Kolping, mantendo a tradição alemã viva tanto dentro das associações quanto fora delas.

O lazer também faz parte da vida dos nossos entrevistados, revelando aspectos culturais dessa comunidade alemã à qual pertencem esses entrevistados. Eles escolheram as associações que ofereciam lazer nos finais de semana, e não apenas por estarem ligadas à cultura alemã. Nesse aspecto, o grupo de dança folclórica – Edelweiss –, que se reúne no Kolping, mantém essa oferta.

Os membros das associações demonstraram uma ligação forte com o grupo de dança folclórica Edelweiss a tal ponto em que seus momentos de lazer estão correlacionados à qualquer atividade do grupo, por exemplo, como nos ilustra Carlos Busch:

Olha, é tudo em função, como ela me conheceu no grupo de dança, que eu já era coordenador do grupo muita coisa era em função do grupo. Então, apresentações do grupo de dança a gente nos teatros. Naquela época, a gente assistia mais em show. Assisti show de banda de rock ou de... até mesmo musicais e tudo mais. A gente fazia mais esse tipo de programa. Mas sempre tudo foi em torno do grupo (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Observamos, como no caso de Günther Hufnagel, que alguns entrevistados acabam crescendo dentro do clube e fazendo da sua história, a história da instituição:

[...] E, cresci, me desenvolvi, nós jogávamos muito *handball*, naquele tempo era *handball* mesmo, agora tem poucos que tão fazendo o jogo de *handball*, mas, na época, nós tínhamos, praticamente oito associações, nós

disputávamos muito campeonato (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Para os alemães, a prática de esporte é muito estimulada, até mesmo para orientar mulheres a ter uma gestação mais sadia (GOELLNER, 2008), fazendo parte da vida cotidiana do indivíduo há muitas décadas. Praticamente, todos os entrevistados tiveram experiências com o esporte amador como, por exemplo, Günther Hufnagel:

[...] Depois, nós jogamos *handball* e aí nós entramos na federação também paulista e nós disputamos muitos campeonatos. Eu também participei de muito *handball*. *Handball*, hoje em dia, está declinando, mas foi uma época boa, viu, deu para aproveitar bastante (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS).

Carlos Busch também teve, até a adolescência, uma vida ligada aos esportes. Jogou basquete por muitos anos, inclusive tendo oportunidade de treinar em times profissionais:

Depois [...] que comecei a estudar no colégio alemão [...] aí que eu comecei a desenvolver não brincadeiras, mas sim em esportes e ligados mais com a cultura germânicas, *handball*, né? Por contingências de mãe trabalhando, eu fui convidado a treinar no São Paulo, mas como ficava muito fora de mão, na época, e a gente era com catorze anos e minha mãe não era muito adepta de andar de ônibus em São Paulo eu acabei não seguindo essa parte profissional de basquete, mas cheguei perto (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

Além do basquete que era jogado com mais frequência em colégios alemães, pudemos observar nas associações o Skat, um jogo de cartas alemão que exige dos jogadores raciocínio matemático rápido e é bastante complexo. Alguns entrevistados afirmaram que, nessas partidas, os jogadores falam muito em alemão. Carlos Busch considera que o Skat, enquanto jogo, é uma das atividades que mais mantêm a língua alemã no Kolping. Na Lyra, não há tantos praticantes como no Kolping.

Assim, a prática de esportes como uma forma de lazer é muito estimulada nessa comunidade. Além disso, os entrevistados não escolheram qualquer esporte, as suas escolhas estiveram ligadas a elementos culturais alemães, ou seja, o esporte também pode ser visto com um componente que comunica a cultura e a mantém.

Durante as entrevistas realizadas pudemos observar que os entrevistados apresentaram diversos aspectos do seu cotidiano. Foi possível constatar que os hábitos alemães estão muito presentes, não só no ambiente doméstico, como também nas relações estabelecidas nas associações.

Um dos elementos do cotidiano no qual se manifestam práticas culturais alemãs é a hora do café por volta das 17h. Na Alemanha, serve-se café com bolo, e isso se evidencia, por exemplo, na fala de Horst Graetz:

“Minha mãe me chamava quando eu estava jogando basquete com o menino, é a hora do café! Ficava com raiva (risos), vou parar de jogar basquete para tomar café!” (Horst Graetz, 11/04/2013, HiperMemo/USCS).

Apesar de o menino não gostar de ser interrompido na brincadeira para tomar o café da tarde, que era comum na sua família e uma exigência de sua mãe, hoje, Horst mantém essa prática do café da tarde em sua vida. Pode-se assim perceber a introjeção de costumes cotidianos ao longo de sua vida e, por isso, perceber a importância cultural que adquire a prática do “café das 17h” nessa comunidade alemã em São Paulo.

Assim como alguns hábitos são mantidos no cotidiano desses descendentes, outros estão caindo em desuso: um deles é a utilização de pratos típicos alemães. Por diversas razões, grande parte dos entrevistados não cozinham, no dia a dia, pratos tipicamente alemães.

Um dos exemplos é Günther Hufnagel:

Minha mulher sabe cozinhar bem, ela é filha de italianos, então italiano gosta muito de massa, mas aprendeu muita coisa alemã, batata, alemão é batateiro, neh! [...] Eu gosto mais de massa viu! (risos). Como batata, bife bem gostoso, mais é massa, eu gosto mais de massa! (Günther Hufnagel, 07/08/2013, HiperMemo/USCS)

Mas, a presença da culinária alemã entre eles ainda permanece de alguma forma, mesmo que na lembrança, pois Busch conta:

[...] você quer a verdade? Já vai fazer acho que uns cinco, seis anos que a gente male (sic) mal cozinha em casa, o restaurante aqui é a minha sala de almoço, eu almoço quase praticamente todo dia aqui. Eu vou te falar pela minha mãe, pela adolescência e início da faculdade. Ela fazia muita refeição com coisas que, teoricamente, são comidas alemãs, três, quatro vezes na semana tinha algo relativo a comidas típicas alemãs: salsicha, purê de batata, fritadele, que é um banho de carne frito; então ela fazia essas coisas, arroz doce, que lá se serve como comida quente e não como comida fria como é feito aqui, lá é servido como o prato principal e não como sobremesa, isso ela fazia com frequência. A minha sogra também fazia com frequência (Carlos Busch, 08/08/2013, HiperMemo/USCS).

A culinária alemã continua a fazer parte dessa comunidade, embora tenha deixado o ambiente doméstico e cotidiano, mas as lembranças dos hábitos alimentares de tradição alemã estão vivas na memória dos entrevistados como parte de seu repertório cultural que constitui sua identidade alemã (HALL, 2005).

Tendo em vista essas questões, a culinária é um elemento da comunidade alemã que evidencia a cultura, assim como em qualquer outra comunidade. Os entrevistados vivenciam esse aspecto, mesmo que a prática de cozinhar os pratos típicos em casa tenha caído, eles ainda sentem a necessidade de comê-los, pois ter o contato com essa culinária o afirma enquanto indivíduo, posiciona-o no mundo como membro da comunidade alemã. Porque não

se trata de comer um prato apenas, mas aquele prato o remete a momentos de sua vida, a vivências que teve que o constitui.

Dessa forma, esses aspectos do cotidiano revelam como os mesmos podem ser vistos enquanto comunicadores da cultura alemã, por fazer parte da vida da comunidade, auxiliando no processo de construção de identidade do indivíduo nesse grupo. Assim, os esportes, o lazer e a culinária são elementos que comunicam a cultura, mesmo que não seja aparente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou compreender como se dá o processo comunicativo da cultura germânica mediado pelas atividades promovidas por duas associações culturais situadas no bairro do Campo Belo em São Paulo: a Associação Católica Kolping e a Sociedade Filarmônica Lyra. Para compreender essa problemática, recorremos às Narrativas Orais de Histórias de Vida de cinco pessoas ligadas às duas instituições. Também procuramos em arquivos públicos documentação que tratasse delas e de sua história.

A língua alemã se mostrou, ao longo da pesquisa, o elemento cultural mais importante no processo de comunicação da cultura. Nesse sentido, percebe-se que a comunicação que se estabelece entre os membros se inicia pelo acesso e possibilidade de articulação de uma língua específica.

A língua tem dois aspectos no processo de comunicação: a primeira se dá pelo próprio código linguístico literal: saber ou não alemão. O segundo é o código simbólico: o significado que tem saber a língua dentro dessa comunidade. Ela comunica para além das palavras, carregando o significado de ser e pertencer à comunidade cultural alemã.

Por isso, consideramos importante observar os impactos dessas proibições no período da década de 1930 e 1940, pois a restrição à língua significava uma ameaça à sobrevivência cultural das comunidades alemãs no Brasil e, por conseguinte, um golpe na noção de identidade dessas pessoas que se viam e viviam inseridas num universo cultural alemão. Tiveram que mudar o nome das associações, empossar diretores brasileiros, ou então fechar suas portas devido à perseguição. Isso gerou traumas a essa comunidade, em parte superados e, até mesmo, pouco lembrados pelas novas gerações. Toda essa situação fez com que ela se modificasse, mas sempre estiveram atentos para manter as tradições e os valores alemães.

Assim, o sentimento de pertencimento e a formação de comunidade são importantes para esse grupo, pois juntos eles se sentem seguros e podem resistir às perseguições sofridas. Os entrevistados demonstraram que se sentem pertencentes às empresas que os contrataram, pois eram alemãs, dominavam a língua e as suas estruturas, estava adaptados e, praticamente, aceitos nos trabalhos por estarem ligados à cultura alemã.

Durante a pesquisa, vimos que essas duas associações enfrentam problemas para sobreviverem. Nossos entrevistados, à exceção de Carlos Bush, já são de idade avançada e se queixam que há a necessidade de renovação. Assim, para conseguir mais sócios, as duas associações se dão conta de que devem mudar a forma como fazem a divulgação de suas

atividades e, para isso, criam estratégias, que, para suas possibilidades, são novas, mesmo que bastante ínfimas diante das possibilidades que se tem hoje no campo da comunicação.

Usam a internet para difundir as atividades das associações numa tentativa de acompanhar os novos tempos. Nesse sentido, pode ser considerada uma inovação nas formas de comunicação dessas duas associações, pois deram novo significado a uma estratégia antiga como a circular. Mesmo não havendo uma significativa reestruturação do veículo, a circular via *e-mail* passou a ser uma nova forma de comunicar as atividades da Lyra. Além disso, utilizam ainda ferramentas como o *site* e o *Facebook* para divulgar a associação, o que demonstra como a Lyra, que é uma associação do final do século XIX, vem se adaptando às novas exigências da contemporaneidade mesmo diante de suas dificuldades financeiras e de sobrevivência cultural na comunidade.

Compreendemos que a educação é outro elemento importante para essa comunidade, pois a escola também produz a cultura. É o instrumento com o qual o indivíduo tem contato com a língua alemã de forma oficial, terá o contato com alguns costumes e irá desenvolver a sua identidade. Para as famílias dos entrevistados, chegar ao ensino superior não era a prioridade, mas ter o contato básico com a língua alemã sim.

Assim como a escola, percebemos que a música e a dança são elementos que comunicam a cultura, mantendo a tradição alemã viva tanto dentro das associações quanto fora delas. A prática de esportes como uma forma de lazer, também transmite a cultura. Além disso, os entrevistados não escolheram qualquer esporte, as suas escolhas estiveram ligadas a elementos culturais alemães, ou seja, a prática de esporte também pode ser vista como marca da identidade desses entrevistados.

Outro aspecto cultural pelo qual se edifica a identidade do indivíduo é a culinária. Mesmo que cozinhar os pratos típicos em casa seja uma prática em desuso nesse momento, eles ainda sentem a necessidade de saboreá-los e prover essa cozinha sempre que possível.

Dessa forma, esses aspectos do cotidiano discutidos nessa dissertação revelam como tais elementos podem ser vistos como comunicadores da cultura alemã, pois fazem parte da vida da comunidade e auxiliam no processo de construção e reconstrução da identidade do indivíduo nesse grupo.

Portanto, o processo de comunicação da cultura germânica mediado pelas associações culturais Lyra e Kolping se dá de diversas formas, não só pelos mais usuais como: jornais, circulares, *folders*, *websites* e o *Facebook* como também por outras formas: língua, trabalho, música, dança, esportes e culinária. Todo esse processo de comunicação da cultura alemã é uma forma de manutenção dela mesma, as associações organizadas em comunidades se

esforçam para manter viva a cultura que receberam de seus pais e se sentem obrigados a passá-la em diante. Além disso, essa manutenção se dá, pois esses entrevistados se sentem pertencentes a essas associações, e elas fazem parte de suas vidas. Dessa forma, a identidade dos entrevistados está atrelada a esses espaços. Assim, a prática cotidiana das associações mantém a cultura e a identidade dos seus membros.

FONTES DOCUMENTAIS

Documento 1: *Solicitação de Atestado de Antecedentes de José Hufnagel para o delegado da Ordem Política e Social de São Paulo*, 26/04/1945. Prontuário nº 45040, DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Documento 2: *Relatório de investigação da Delegacia Especializada de Ordem Social de São Paulo sobre a Sociedade Filarmônica Lyra*. São Paulo, 04/07/1966. Documento nº 50-J-000-1911, DEOPS, Arquivo Público de São Paulo.

Documento 3: *Comunicado dos Investigadores nº 773*. São Paulo, 23/08/1939. Prontuário nº 5.405, nome: “Nazismo”. DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

FONTES ORAIS

Horst Graetz, gravado na Associação Católica Kolping. São Paulo, 11/04/2013, HiperMemo/USCS.

Günther Hufnagel, gravado na Associação Católica Kolping. São Paulo, 07/08/2013, HiperMemo/USCS.

Carlos Busch, gravado na Associação Católica Kolping. São Paulo, 08/08/2013, HiperMemo/USCS.

Helmuth Stapf, gravado na Sociedade Filarmônica Lyra. São Paulo, 05/09/2013, HiperMemo/USCS.

Elfriede Schmidt, gravado na Sociedade Filarmônica Lyra. São Paulo, 26/09/2013, HiperMemo/USCS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eliane Bisan. *Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo – a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BACZCO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Enaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BOSI, Eclea. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CARDOSO, João Batista Freitas; SANTOS, Roberto Elísio dos. Teorias da Comunicação: aportes para a compreensão da dimensão simbólica e processos inovadores. In: CAPRINO, Mônica Pegurer (org.). *Comunicação e Inovação*. São Paulo: Paulus, 2008.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “República, identidade nacional e anti-semitismo (1930-1945), In: *Revista de História*. São Paulo: n. 129/131, p. 153-163, ago/dez. 1993.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O mito da conspiração judaica e as utopias de uma comunidade. In: CARNEIRO, M. L. T. *Minorias Silenciadas: histórias da censura no Brasil*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado / Fapesp, 2002.

CAPRINO, Mônica Pegurer; PERAZZO, Priscila Ferreira. Possibilidades da comunicação e inovação em uma dimensão regional. In: CAPRINO, Mônica Pegurer (org.). *Comunicação e Inovação*. São Paulo: Paulus, 2008.

DANÇAS apresentadas pelo Rheinland. **Rheinland Pfalz’s Weblog**, 19 ago.2008. Disponível em: < <http://rheinlandpfalz.wordpress.com/2008/08/19/dancas-apresentadas-pelo-rheinland/>>. Acesso em 15 dez.2013.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane; PERAZZO, Priscila; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Inventário DEOPS – Módulo 1 Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DONATO, Hernâni. *Colégio Visconde de Porto Seguro: ponte entre duas culturas*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FÍGARO, Roseli. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica. *Revista USP*, nº 86, 2010, p.96-107.

FREITAS, Sônia Maria de. *Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos – memória e diversidade cultural em São Paulo*. Tese de doutorado apresentada ao Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2001.

GÄELZER, Vejame. Sprachmischung: relação entre sujeito, língua e história. *Revista Conexão Letras*. Vol. 8, nº 10, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013, p. 127-142.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. *Cadernos Adenauer*. nº XIV, 2013, p. 9-27.

HALBACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOCHM, Toni. *Homenagem aos Imigrantes*, 15 mar.2010. Disponível em: < http://www.tonijochm.com.br/imigrantes_alemaes.htm>. Acesso em 15 dez.2013.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. (pp. 419-476)

MARTIN-BARBERO. Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação*. Mídia, mundialização e poder. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENDONÇA, Maria Luiza. Comunicação e Cultura: um novo olhar. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org). *Recepção Mediática e o espaço público*. Novos Olhares. São Paulo: Paulinas, 2006. (pp. 27-38)

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. *GUIA PRÁTICO DE HISTÓRIA ORAL: PARA EMPRESAS, UNIVERSIDADES, COMUNIDADES, FAMÍLIAS*. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2011.

PERAZZO, Priscila. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 1999.

PERUZZO, Cicilia M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. p.125-145.

RIBEIRO, Lavina M. Comunicação e comunidade: teoria e método. *Comunicação e espaço Público*, Ano VII, n. 1 e 2, pp. 71-80, 2004.

RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROSSETTI, Regina. Visões teóricas acerca das confluências entre comunicação, sociedade e inovação. In: CAPRINO, Mônica Pegurer (org.). *Comunicação e Inovação*. São Paulo: Paulus, 2008.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo Alemã: Vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção Mediática como linguagem de pertencimento: entre o comum e o público. In: *XV Encontro da COMPÓS*. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP, Bauru, São Paulo, 6 a 9 de junho de 2006.

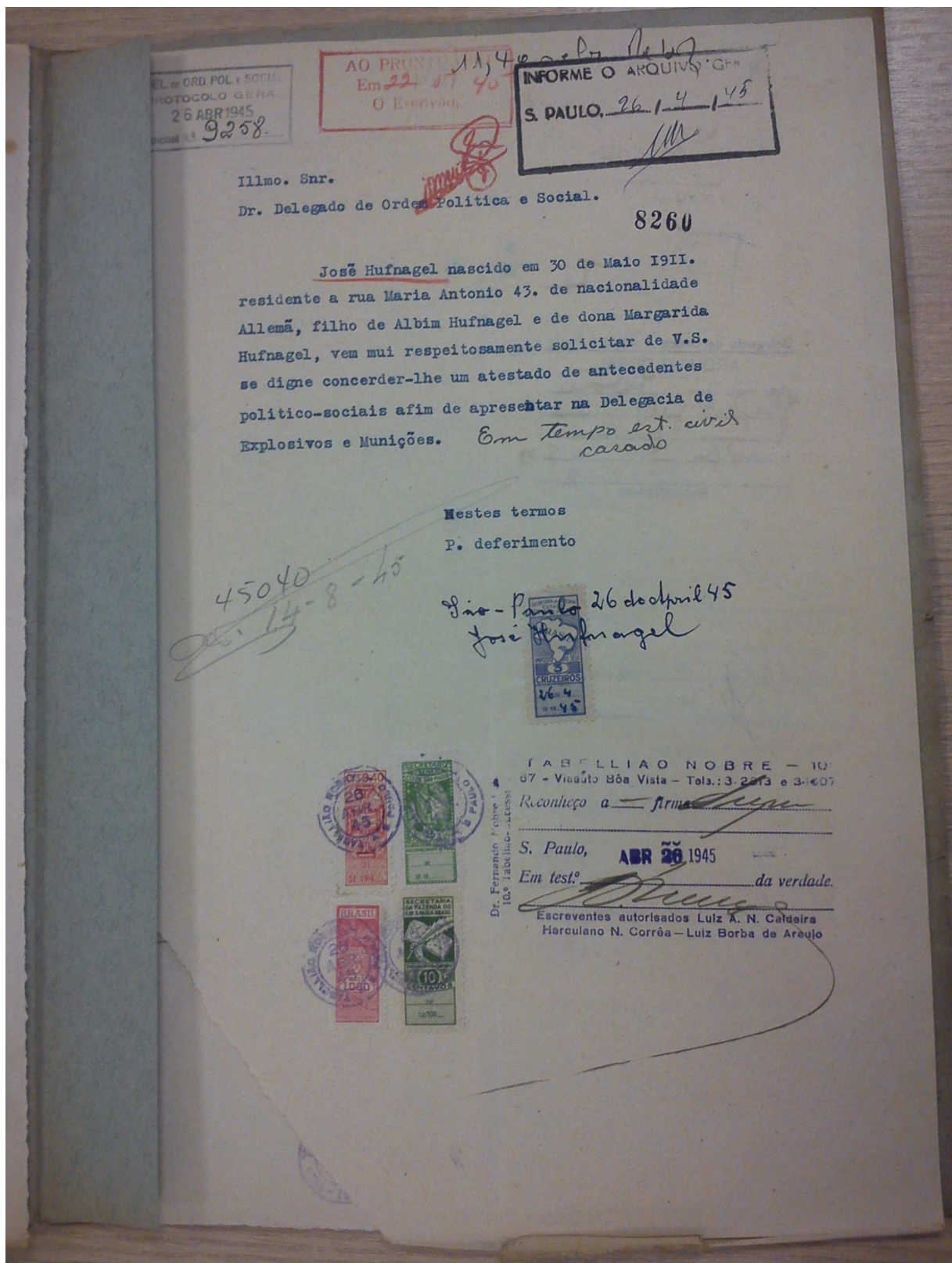
VENÂNCIO, Paula. *A Cena do Subúrbio: o teatro como meio de comunicação da cultura local na região do ABC Paulista*. São Caetano do Sul: USCS, 2012.

WEBER, Regina. Alemães, classes médias no sul. In: *Trabalhadores. Publicação mensal do Fundo de Assistência à Cultura*. Prefeitura Municipal de Campinas, 1989.

WEBER, M. A.; WEBER, S. *CAMPO BELO: MONOGRAFIA DE UM BAIRRO*. SÃO PAULO: ESTAÇÃO LIBERDADE, 2006.

ANEXOS

Anexo 1



Solicitação de Atestado de Antecedentes de José Hufnagel para o delegado da Ordem Política e Social de São Paulo, 26/04/1945. Prontuário nº 45040, DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Anexo 2

4-7-1966

RESERVA LO

Ordem de Serviço nº 12/66.

O Delegado Titular da Delegacia Especializada de Ordem Social.

Com referencia a Ordem de Serviço nº 12/66, informo a V.S., que a SOCIEDADE FILARMONICA LYRA tem como finalidade o ensinamento da musica, canto, atividades recreativas e arte dramatica através de um intercambio cultural, artistico e folclorico com todos os paises do mundo.

Foi fundada em 12 de novembro de 1884 com a denominação de SOCIEDADE FILARMONICA ALEMÃ LYRA.

Em 1955 passou a ter o atual nome, sem qualquer selção de continuidade, conservando a sua personalidade jurídica como uma sociedade brasileira.

A referida sociedade encontra-se com os seus estatutos registrados no 1º Ofício de Registros de Titulos e Documentos, em data de 27 de fevereiro de 1956, sob o nº 4936 do livro A nº 11 de registro de pessoas jurídicas com a atual denominação, em Diario Oficial de 20/1/1956.

Com referencia aos endereços dos membros do Conselho Fiscal da entidade, informo que: WALTER HEINEMANN reside na Praça da Liberdade, 107 - apto. 703 - tel. 33-66-66 - HANS MADER reside na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 3832 - tel. 8-61-84 - ARTHUR JUREK reside a rua Novo Mundo, 493 - tel. 93-52-79.

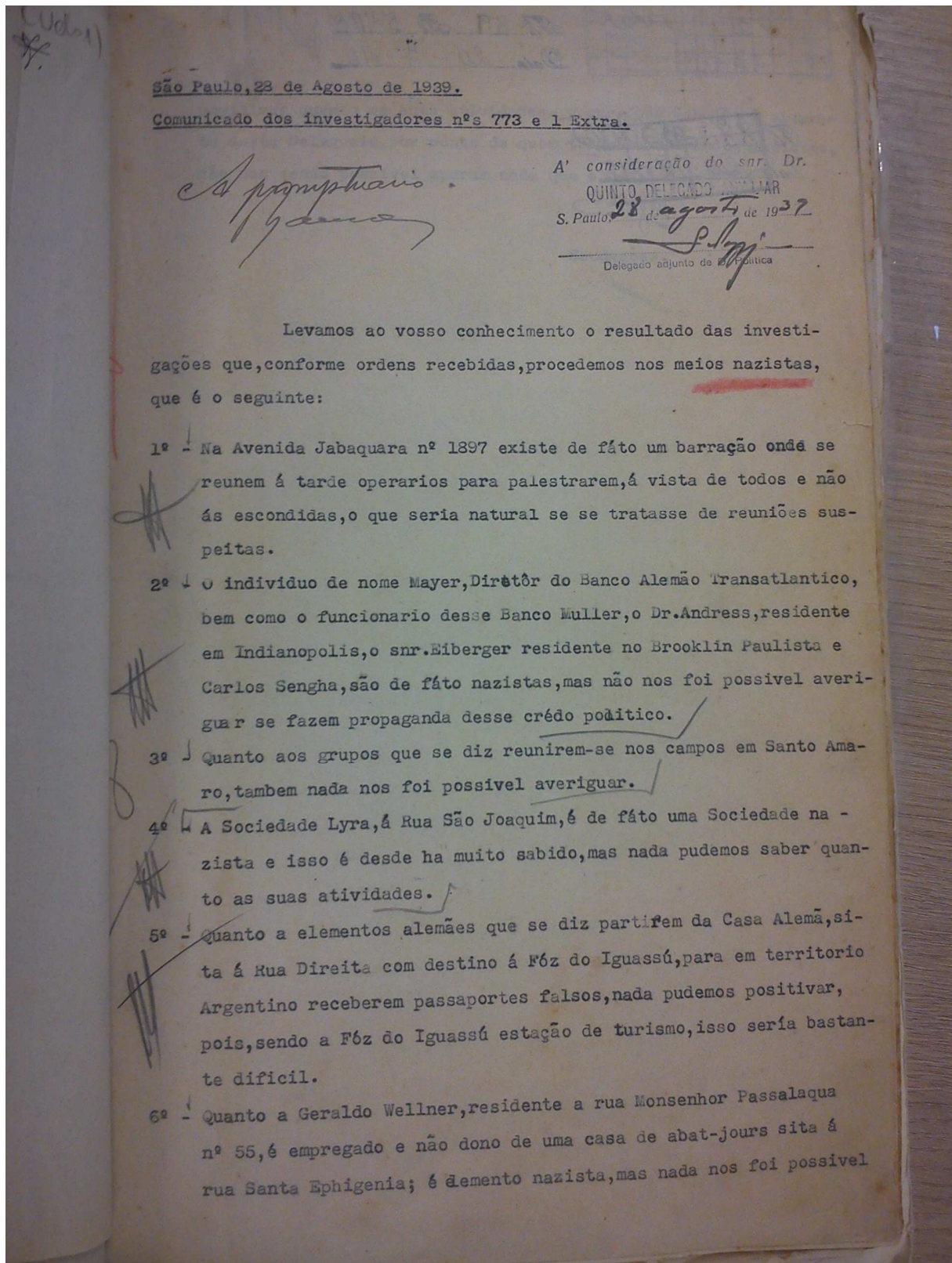
A referida sociedade acha-se funcionando a rua Joaquin Antonio Coelho, 56 no no bairro de Vila Mariana.

Quanto a denominação de Sociedade Filarmônica Alemã Lyra Ltda. nada consegui apurar, considerando as informações de elementos que integram a diretoria da Sociedade Filarmônica Lyra, afirmando eles que desconhecem qualquer outra denominação a não ser a que consta em seus estatutos.

Departamento de Polícia
50-J-0 1911

Relatório de investigação da Delegacia Especializada de Ordem Social de São Paulo sobre a Sociedade Filarmônica Lyra. São Paulo, 04/07/1966. Documento nº 50-J-000-1911, DEOPS, Arquivo Público de São Paulo.

Anexo 3



Comunicado dos Investigadores nº 773. São Paulo, 23/08/1939. Prontuário nº 5.405, nome: "Nazismo". DEOPS-SP, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Anexo 4

**Sociedade Filarmônica LYRA***Desde 1884*

Rua Otávio Tarquínio de Souza, 848 – Campo Belo 04613-002

São Paulo – SP, Tel/Fax: 5041-2628 – 5093-6327,

www.lyra.org.br /e-mail: sflyra@gmail.com

EXCURSÃO À HOLAMBRA 2 – E FAZENDA SANTA TEREZINHA 01 A 03 DE NOVEMBRO 2013

Programa

Dia	evento
01/11	Saída defronte a Lyra as 8:00 horas Rua Otavio Tarquínio de Souza ,848-Campo Belo Saída pela Castelo Branco –Itapetininga- Capão Bonito =270 km Hospedagem no Hotel Baguassu (www.hotelbaguassu.com.br) - Almoço no Hotel A tarde visita a um pesqueiro - Jantar no Hotel
02/11	8 Horas saída para Holambra 2 (120km) Visita ao Caminho das Flores e Frutas, aquisição de Flores, época de pêssegos e ameixas – Almoço e Lanche da tarde Retorno no final da tarde à Capão Bonito //–Jantar no Hotel
03/11	Saída as 7:30 para visitar a Fazenda de Eduard Stapf(30km)- Visita a Granja de engorda de Frangos,Estufas de Pimentões e Tomates, Plantação de Laranjas e Mexericas,Visita a Floresta de Pinus Elliotis (extração de Resina) Retorno a tarde para almoço no Hotel e saída para São Paulo

Incluso no Preço:

1. Seguro Viagem
2. Ônibus Luxo LD
3. Dois Pernoites no Hotel Baguassu
4. Pensão Completa- Café da Manhã e 5 refeições
5. Passeio em Holambra II
6. Visita à Fazenda Santa Terezinha
7. Visita ao Pesqueiro

Preço: Sócios da Lyra = R\$600,00 // Não Sócios R\$670,00**Forma de Pagamento: 50% até 15 de Setembro. Restante no dia da viagem.****Bradesco –Ag 2663- CC 119594-8 Helmuth Stapf****Mínimo de 30 Passageiros****Inscrições com Adriana na Lyra 50412628 ou Helmuth Fone. 55113289
ou – 9-96672001**

Anexo 5


Sociedade Filarmônica LYRA
Desde 1884

Rua Otávio Tarquínio de Souza, 848 – Campo Belo 04613-002

São Paulo – SP, Tel/Fax: 5041-2628 – 5093-6327,

www.lyra.org.br /e-mail: sflyra@gmail.com
FESTA DAS FLORES E MORANGOS – ATIBAIA
14 DE SETEMBRO 2013- Das 9 as 18 horas

Participe de mais esta excursão da Lyra prestigiando
o Grupo de Danças Gold und Silber da LYRA
Exposição de Flores e Frutas! Conheça um pouco da
cultura Japonesa.

Gastronomia Japonesa e Brasileira !



Inscreva-se e viaje com o animado grupo de danças
Gold und Silber ! Saída da Lyra as 9:00 horas e
retorno as 18:00 horas

Preço: Sócios da Lyra R\$ 90,00 / Não Sócios R\$100,00

Inscrições na Lyra : 5041-2628 ou com Helmuth 5511-3289

Número limitado de lugares !

Anexo 6

Sociedade Filarmônica Lyra

Concerto

Orquestra Bandolins de São Paulo

Karen Feldman, regente

Sábado, 27 de julho de 2013

15h00

Programa

La Festa Splendora – J. B. Kok

Suite nº 1 – K. Wölki

Rievocando... “l’Incógnita” – S. M. Metti

Mandolinenserenade – A. E. M. Grétry

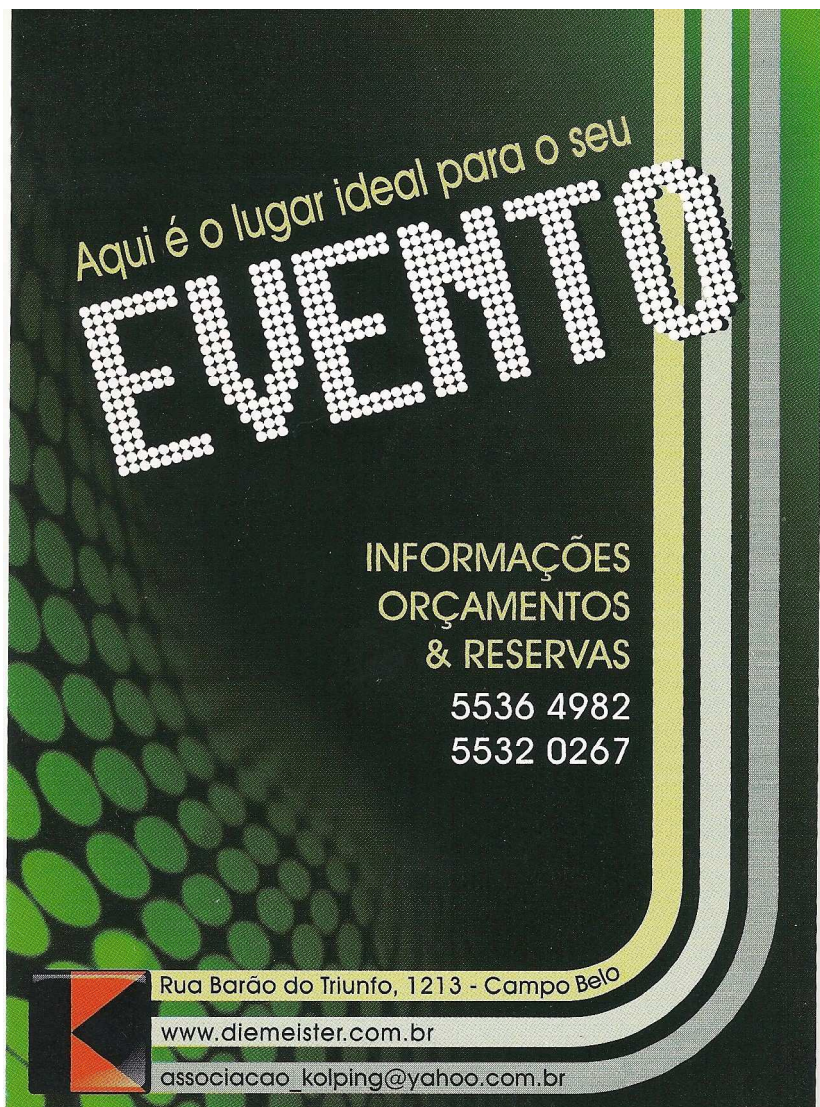
Sonhando – K-Ximbinho (arr. Israel de Almeida)

Duas Danças Iugoslavas

Tenesse – H. Zimmer (arr. Hend Garcia)

Kalinka – (arr. Takashi Ochi)

Anexo 7



Folder de divulgação da Associação Católica Kolping. Ago, 2013, acervo da Associação Católica Kolping.